

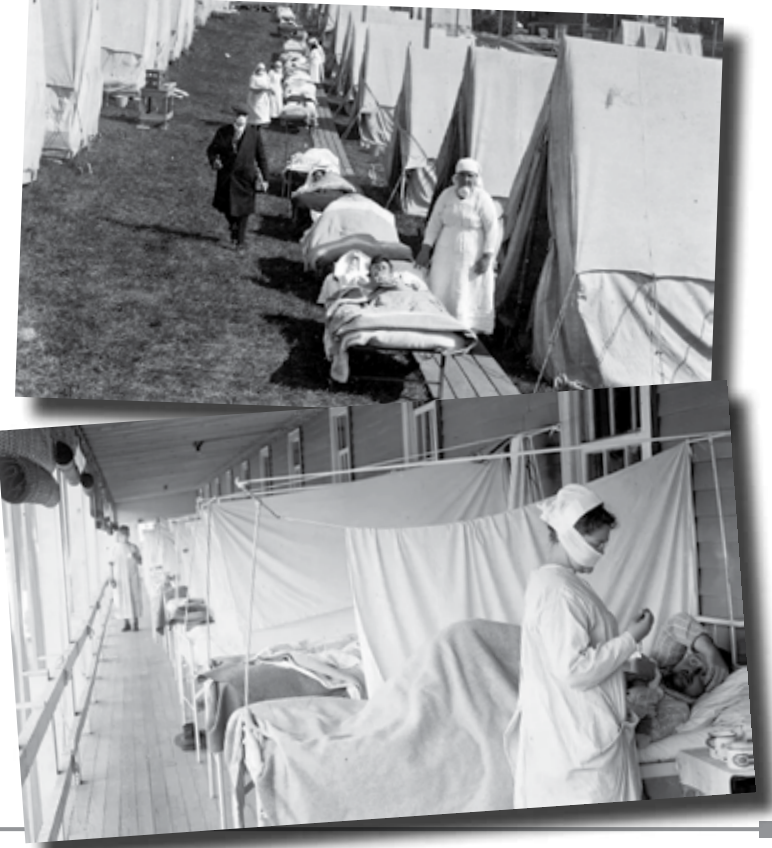
Paraíba

As lições da Gripe Espanhola

Pandemia que assolou o mundo a partir da segunda metade do ano de 1918 infectou, na Paraíba, 2 mil pessoas em apenas três meses e gerou um clima de medo e descrença muito semelhante ao da Covid-19. [Páginas 5 e 6](#)



Fotos: reprodução



UFPB projeta respirador pulmonar de baixo custo

Produto custa apenas 5% do valor dos respiradores convencionais e deve estar certificado até o mês de maio. [Página 15](#)

Esportes

O ano em que o Campeonato Paraibano ficou pela metade

Trinta e cinco anos antes da suspensão imposta pela Covid-19, competição já havia passado por impasses que resultaram no encerramento dos jogos sem vencedores. [Página 12](#)

Almanaque

Indígenas paraibanos contra Palmares

Neste Dia do Índio, conheça a história de Zorobabé, o potiguara que ficou conhecido por atacar o quilombo de Palmares a mando de Portugal. [Página 17](#)



Foto: Edson Matos

GIRO NOS MUNICÍPIOS

Diversidade

Uma terra que respira história

Descoberta por Américo Vespúcio um ano após a chegada dos portugueses ao Brasil, o município de Baía da Traição foi palco de guerras entre portugueses, franceses, holandeses e índios pela posse da terra. [Página 8](#)



Pensar Edição 21

Convicção das coisas que não se vê: a fé

Presente em todas as religiões, ela significa um sentimento total de crença em algo ou alguém, mesmo sem evidências

Filosofia e a tensão entre o mito e o razão

De acordo com Heidegger, a filosofia é uma atividade que busca a essência das coisas. Ela é uma busca pelo sentido, pelo significado. A filosofia é uma atividade que busca a essência das coisas. Ela é uma busca pelo sentido, pelo significado.

Paraíba

Solidariedade em tempos de Covid-19

Voluntários se adaptam à necessidade de isolamento social, mas não abandonam a luta, reinventam práticas e buscam novas formas de ajudar a quem precisa. [Página 7](#)



Foto: Divulgação

Fique em casa.

É isso de cada um pensar em todo mundo.

Secretaria de Saúde - PARAÍBA

Editorial

Dias de índio

Houve um tempo, neste país, que se sabia das cores, formas e sons de todos os bichos que corriam, deslizavam, nadavam ou voavam. De todas as plantas, também, utilizadas, umas para saciar a fome, outras para curar doenças do corpo ou estabelecer contatos imediatos com entidades sobrenaturais.

As comunidades ancestrais são fontes de conhecimento e sabedoria. Por vezes, a sapiência e informação das sociedades autóctones são embaladas na fina estampa da mitologia. Noutras, a ciência e o discernimento são transmitidos, de geração a geração, através de preceitos orais, embasados por ações práticas.

A relação das coletividades primitivas com a natureza e os mistérios do universo, a mútua convivência dos indivíduos de um povo antepassado, e deste com outras populações suas contemporâneas, conformam uma dialética que se expressa, também, por intermédio das linguagens simbólicas da arte.

Os corpos sociais ascendentes falavam dezenas de línguas diferentes, professavam crenças diversas, representavam o mundo por meio de mitos específicos, guiavam-se por valores desiguais, obedeciam a regras distintas e habitavam moradias dessemelhantes. Entre eles nasceu a pluralidade.

No Brasil, deste precioso acervo, construído, ao longo de eras, pelos povos das florestas, muito pouco foi assimilado pela sociedade dominante que a custa deles se construiu, cujos alicerces foram transplantados, para esta parte do mundo, nas caravelas que singraram o Atlântico, no limiar do século XVI.

Desde então, os índios, como passaram a ser chamados, equivocadamente, os legítimos filhos de Pindorama – a Terra das Palmeiras –, travam uma luta desigual não só para defender sua valiosa cultura e o patrimônio natural, do qual são partes indissolúveis, mas a própria existência física de suas tribos.

Quem sabe dos Huni Kuin, Tapayuna, Rikbaktsa, Kadiwéu, Makuxi, Taurepang, Guarani Kaiowá, Sateré-Mawé, Pankararu, Avá-Canoeiro, Jamamadi, Zuruahã, Apiaká, Zo'é, Kanoê, Akuntsu e Korubo, dizimados pelos massacres e pandemias de doenças exógenas, como a gripe e o sarampo?

Não fosse a resistência, embora em condições absolutamente desiguais, desses povos guardiães das florestas, as matas e os solos do Brasil estariam ainda mais pobres, dada à ganância da cultura dominante pelas ricas madeiras, pela terra fértil e tudo o que o subsolo contém e que pode ser transformado em dinheiro.

Haverá outros dias de índio no Brasil? Dias de banhos de rios e mares purificados. De ares despoluídos. De alimentos descontaminados. De passear nas florestas sem lobo-mau de tocaia – não aquele de pelame ou dos contos de fadas, e sim aquele tipo selvagem que sabe manejar o rifle e fazer grilagem.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Entrando pelo Cannes

Esse corona vírus merecia uma palmada de couro. Pois não é que conseguiu adiar, pela primeira vez na história, o Festival de Cannes! (o da Palma de Ouro que o Brasil conquistou em 1962 com "O pagador de promessas", de Anselmo Duarte, vocês sabem). Por causa da pandemia, o evento, tradicionalmente realizado na primeira quinzena de maio, teve de sofrer o adiamento, até agora ninguém sabe ao certo para que data. Cogita-se o final do próximo mês de junho ou o início de julho. Depende, porém, se a curva da Covid-19 alcançar realmente o pico em maio, como previa Henrique Mandetta antes de despençar do ministério da Saúde, e tudo voltar à planície na Europa, na França e na Bahia, como diria o poeta Drummond. O anúncio sobre a protelação, aliás, veio acompanhado de um enigmático "adotar novas formas", segundo os organizadores da mostra em sua versão 2020. Seja lá, portanto, o que Deus quiser!

Bom, o Festival de Cannes já chegou a ser cancelado (na época da Segunda Guerra Mundial) ou interrompido (se não me engano, em 1968, ano das históricas barricadas estudantis). Adiado, no entanto, é coisa do capeta, quero dizer, do corona. E aí passa um filme em minha cabeça: vocês já pensaram se esse vírus tivesse circulado pelas bandas de João Pessoa na época do Cinema de Arte, por exemplo? O que seriam das quintas-feiras no Cine Municipal? Como Luciano Wanderley, resistindo a portar máscara diferente das usadas nos carnavais do Astréa ou do Cabo Branco, instruiria o gerente Paulo Carvalho, devidamente paramentado, a organizar a ocupação de poltrona-simpoltrona-não na plateia? Como diabos Lindbergh Farias ficaria separado assim de Ana Maria? E Everaldo Soares Junior de Maria Enilda? Acho que queimaria o filme do distanciamento social.

Sim! E as matinéis nos cines Rex e Plaza? Antes do início das sessões (desde que liberadas, claro) o que fazer com pirralhos que vendiam ou trocavam gibis na calçada? Como estabelecer a distância de metro e meio, dois metros, entre eles? Dá pra imaginar o constrangimento do Fantasma, de Batman & Robin e outros heróis perante tal cena! E na sala de exposições? Como danado Roy Rogers, Hopalong Cassidy, Gene Autry e demais cowboys se sentiriam ao ver rarefeita a plateia? Na portaria do Rex, o velho Etevlino intuiria coisa do outro mundo. No Plaza, o filósofo Galba, a distância, matutaria lá com seus botões: "O tempora, o mores!"

Enfim, fantasiadas todas essas conjecturas, resta lamentar que o festival da Palma de Ouro tenha entrado pelo cano em maio de 2020. Nem tudo está perdido, ainda bem. E tomara que esse corona vírus saia de cena o mais rápido possível!

/// Vocês já pensaram se esse vírus tivesse circulado pelas bandas de João Pessoa na época do Cinema de Arte? ///

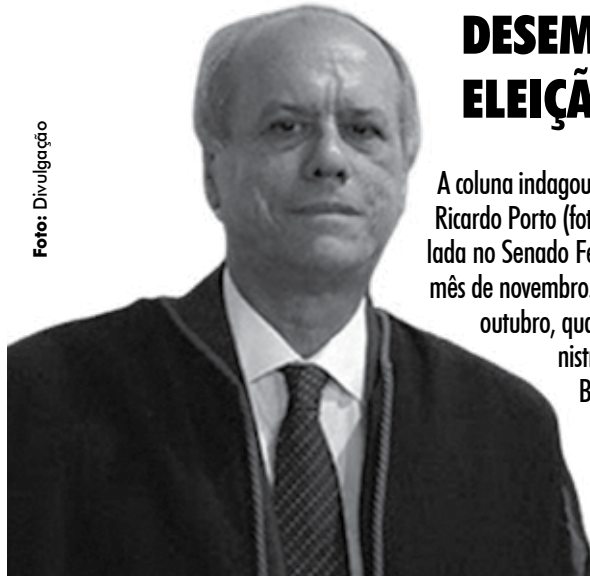
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

DESEMBARGADOR ACREDITA QUE ELEIÇÃO OCORRERÁ EM OUTUBRO

A coluna indagou ao presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), desembargador José Ricardo Porto (foto), qual era a sua opinião acerca da Proposta de Emenda Constitucional (PEC), protocolada no Senado Federal pelo senador José Maranhão (MDB), que transfere as eleições de outubro para o mês de novembro. "O argumento do senador é que o covid-19 pode estar na escala ascendente no mês de outubro, quando ocorrem as eleições. Mas, pessoalmente, eu me harmonizo ao pensamento da ministra Rosa Weber [ex-presidente do Tribunal Superior Eleitoral] e do ministro Luiz Roberto Barroso, que substituiu a ministra no TSE. E eles não trabalham com essa hipótese [de adiamento das eleições]. Todos os trabalhos estão sendo realizados de forma absolutamente normal, estão sendo feitos de forma remota, seja por e-mail, seja por telefone e outros instrumentos que estão à disposição. Eu não concebo qualquer fato, qualquer motivo ensejador dessa prorrogação das eleições para novembro ou dezembro".

Foto: Divulgação



QUEM CONTROLA?

A declaração do vice-presidente Hamilton Mourão, logo após a posse do novo ministro da Saúde, Nelson Teich, em Brasília, foi, no mínimo, reveladora de que há um, digamos, descompasso na gestão do Ministério da Saúde, em meio à pandemia do coronavírus, após a saída de Luiz Henrique Mandetta. A jornalista, ele disse que está "Tudo sob controle, não sabemos de quem?".

R\$ 4,3 MILHÕES

Mais de R\$ 4,3 milhões. Eis o montante de doações da Justiça Federal da 5ª Região para o combate à pandemia do coronavírus. Os recursos doados pelas Seções Judiciárias da Paraíba, Pernambuco, Ceará, Alagoas e Rio Grande do Norte são oriundos de penas de prestação pecuniária, transação penal, suspensão condicional de processo e acordos de não-persecução penal, impostos aos réus em varas criminais da Justiça Federal.

CHAPA DEFINIDA?

Em Campina Grande, há quem aposte que a chapa governista que disputará as eleições de outubro já tem formação definida: Bruno Cunha Lima, recentemente filiado ao PSD do prefeito Romero Rodrigues, na cabeça de chapa, e o ex-vereador Lucas Ribeiro (PP), atual secretário de Tecnologia da prefeitura, na condição de candidato a vice-prefeito.

O PP DE NOVO

A possível indicação de Lucas Ribeiro, filho da senadora Daniella Ribeiro, para compor a chapa governista, está subentendida em declaração recente, registrada pela coluna, do vice-prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro, segundo a qual o PP e o prefeito Romero Rodrigues estão "mais unidos do que nunca". E o avô de Lucas Ribeiro disse também que existe uma espécie de acordo tácito entre as partes.

"SINAL DE UNIÃO"

Do deputado Hugo Motta, relator da proposta do 'Orçamento de Guerra', na Câmara Federal, ressaltando que as diferenças ideológicas não atrapalharam o trâmite da matéria no Congresso: "Na hora em que o Parlamento consegue, no meio de divergências políticas, convergir em torno de um tema tão importante, é sinal de união. Nós deixamos de lado tudo aquilo que nos divide e provamos que temos um só intuito, que é defender nosso país".

'ORÇAMENTO DE GUERRA' RETORNA À CÂMARA FEDERAL

A PEC do 'Orçamento de Guerra', aprovada pelo Senado na sexta-feira, voltará à Câmara Federal – a casa apreciará novamente a matéria nesta próxima semana. Isso porque, os senadores fizeram alterações no texto original e o Regimento de ambas as casas prevê tal procedimento, quando ocorrem modificações no teor do texto. A PEC cria um 'Orçamento extraordinário' para facilitar a admissão de pessoal e a realização de obras, serviços e compras durante a pandemia da covid-19, pelo Governo Federal.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léo Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM



PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulaocao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

OUVIDORIA: 99143-6762
ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

VALE A PENA VER DE NOVO...



Rodolfo Alves,
Procurador regional eleitoral

“Promotores enfrentarão o desafio das fake news”

Situação pode configurar prática de abuso de poder econômico e Justiça estará atenta às denúncias, garantiu

Thais Cirino
thaiscirino@hotmail.com

Em meio a um cenário atípico, em que a realização das eleições municipais de 2020 parece ameaçada por conta da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), o Ministério Público Federal (MPF) não pretende flexibilizar sua atuação. Em entrevista ao Jornal A União, o procurador regional eleitoral, Rodolfo Alves, alertou que o órgão está atento ao uso da máquina pública com fins eleitoreiros, à divulgação de fakenews para atingir possíveis candidatos e ao cumprimento dos prazos legais previstos no calendário eleitoral. O procurador ainda enfatizou seu desejo pela realização das eleições e descreveu o processo como a festa democrática.

A entrevista

/// Constatada a fraude, além do indeferimento do pedido de registro de candidatura, será instaurado procedimento para investigar prática de crime eleitoral ///

O prazo da janela partidária acabou, mas as legendas têm até o dia 15 para fazer os registros no TRE. É possível evitar que os políticos se utilizem do tempo extra para burlar o prazo e fazer novas filiações? Como a Procuradoria Regional Eleitoral acompanha o cumprimento desta norma?

■ A Resolução 23.596, de 20 de agosto de 2019, regulamenta o uso do Sistema FILIA por parte dos partidos, por meio dos seus diversos órgãos partidários, para fins de comunicação dos seus filiados à Justiça Eleitoral. A inclusão das informações é de responsabilidade dos órgãos partidários, tendo estes o prazo até a segunda semana de abril e outubro para encaminhar a relação ordinária. Nesta deverão constar todos aqueles que estiverem filiados até esta data, ressalvada a hipótese de omissão que poderá ser questionada pelo interessado ou pelos partidos ao Juízo Eleitoral para inclusão em lista especial. O prazo do dia 4/4 foi o termo final de filiação para aqueles que pretendam se candidatar na próxima eleição. A existência de fraude na data da filiação, de modo a retroagir eventual inscrição partidária para período anterior ao termo final anteriormente citado, não é identificável de maneira contemporânea ao fornecimento da informação por parte dos partidos no Sistema Filia. Mas, como acontece com eventuais fraudes, estas podem e serão objeto de investigação e contestação perante a Justiça Eleitoral de maneira autônoma por parte dos partidos ou do Ministério Público //

/// Eventuais fraudes podem e serão objeto de investigação e contestação perante a Justiça Eleitoral de maneira autônoma por parte dos partidos ou do Ministério Público ///

Requerimentos de Registro de Candidatura, oportunidade em que será avaliado o efetivo preenchimento da necessária filiação partidária no prazo de seis meses que antecede a eleição. Constatada a fraude, além do indeferimento de eventual pedido de registro de candidatura, será instaurado procedimento para investigar a prática de crime eleitoral por parte do dirigente partidário e do filiado beneficiário da fraude.

No último dia 6, a presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministra Rosa Weber, criou um grupo de trabalho para avaliar os impactos da epidemia do novo coronavírus (Covid-19) na eleição municipal deste ano. Como a Procuradoria vai se incorporar nesta ação e acompanhar o tema?

■ Neste contexto, pela própria composição, verifica-se que é um grupo estratégico destinado a avaliar as consequências da crise epidemiológica para subsidiar a decisão da Justiça Eleitoral quanto aos eventuais efeitos no pleito que se avizinha. Sem prejuízo da possibilidade de fornecer informações para análise deste grupo, a atuação da Procuradoria Geral Eleitoral incidirá no momento próprio de discussão das conclusões por parte da Corte Eleitoral Superior, oportunidade na qual poderá contribuir para a decisão final que será adotada.

O Ministério Público Federal recomendou que os procuradores acompanhem as ações de gestores para evitar fins eleitoreiros por conta do novo coronavírus na Paraíba. Como o órgão vai observar o cumprimento das recomendações nos 223 municípios e quais as punições?

■ Houve a expedição da Orientação Técnica, por meio da qual, a Procuradoria Regional Eleitoral, no exercício da sua atribuição de expedir instruções aos Promotores Eleitorais, orientou a adoção de algumas medidas para buscar uma maior uniformidade na atuação destes últimos sobre a questão que envolve a doação de bens, produtos e serviços, por parte dos municípios paraibanos,

O procurador Rodolfo Alves prometeu rigor na fiscalização do processo e disse que a Procuradoria estará atenta às eventuais fraudes



Foto: MPF/Arquivo

/// Com relação às fake news, o foco deve ser centrado nos efeitos mais perversos desta nova realidade comunicacional e seus efeitos na legitimidade do pleito eleitoral ///

diante da situação de emergência em saúde. Assim, cada órgão ministerial, observada a independência funcional de seus membros, adotará, no âmbito dos municípios que integram a sua respectiva Zona Eleitoral, medidas uniformes para concitar os gestores

públicos à observância de critérios objetivos e impessoais na efetivação das eventuais doações para atender a esta situação. Identificado eventual desvio com viés eleitoral, sem prejuízo da adoção de outras providências no âmbito da prática de ato de improbidade administrativa e sob o aspecto criminal, poderá ajuizar, no momento oportuno e após a devida investigação, a respectiva ação eleitoral que poderá ter diversos reflexos, a depender da prática identificada, podendo geral desde a aplicação de multa até a eventual cassação de diploma e inelegibilidade na situação de condenação pela prática de abuso de poder político ou econômico.

Apesar da discussão em torno de um provável adiamento das eleições,

já há um clima político intenso de disputa em todo o estado. Em sendo mantido o calendário eleitoral, como a Procuradoria tem feito para acompanhar as fakenews que se utilizam do tema do coronavírus para atingir prováveis candidatos?

■ Sobre a divulgação de notícias falsas, mais conhecidas como fakenews, a atuação do Ministério Público Eleitoral será a de buscar garantir a igualdade de oportunidade entre os candidatos. Neste quadrante, igualmente em observância à liberdade de expressão e de informação, serão analisados todos os casos que chegarem ao conhecimento da instituição, com vistas a reprimir tais condutas, sem prejuízo da própria adoção de providências por parte de quem se sentir afetado pela divulgação de mentiras ou mesmo de matérias que afetem a honra de pretensos candidatos, por meio da divulgação de fatos que possam ser enquadrados como a prática de calúnia, injúria ou difamação com efeitos eleitorais. Em que pese esta possível atuação sobre casos individuais, o foco deve ser centrado nos efeitos mais perversos desta nova realidade comunicacional e seus efeitos na legitimidade do pleito eleitoral, por meio da massificação na divulgação destas informações falsas, situação que pode vir a configurar a prática de abuso de poder econômico ou mesmo dos meios de comunicação social. Portanto, muitos são os desafios a serem enfrentados pelos Promotores Eleitorais nesta seara.



Foto: Agência Brasil

Brasileiros devem voltar às urnas em outubro para escolha de prefeitos e vereadores

Continua na página 4



Continuação



“O contato pessoal entre o candidato e o eleitor ainda é a pedra base para a conquista do voto. Esperamos que até lá essa situação da pandemia esteja sob controle”

Com o atual panorama da pandemia, as sessões no pleno não podem ser feitas presencialmente, apenas remotamente. Isso poderá resultar em algum atraso no julgamento dos processos que o Ministério Público Eleitoral examinará futuramente e encaminhará para a corte julgar? E, atualmente, qual a média de processos está sob a apreciação do órgão?

A atual situação de realização das sessões da Corte Eleitoral Regional não impactou a atuação da Procuradoria Regional Eleitoral. A maioria dos processos, referentes ao pleito eleitoral de 2018, são eletrônicos.

Cada um deve contribuir com as decisões adotadas pelas autoridades públicas que estão no enfrentamento desta situação. Fiquemos em casa, portanto

Aqueles que já estiverem com a instrução concluída estão sendo normalmente analisados neste período de teletrabalho. Desta forma, os processos eletrônicos continuam a sua análise regular, existindo, atualmente, 29 processos. Quanto aos feitos pendentes de julgamento, referentes ao pleito de 2016, apenas um único processo está pendente de análise para encaminhamento ao relator para formular sua análise e posterior submissão à Corte.

O julgamento de Aijes e Aimes, que devem ser feitas antes das eleições propriamente ditas, fazem parte apenas de um aspecto que envolve a preparação das eleições. Então, considerando os demais passos dentro da logística, qual etapa desse caminho até a efetivação do voto pelo eleitor deverá ser a mais difícil, considerando a pandemia atual?

Não sabemos ainda se estaremos com algum tipo de restrição ao contato pessoal na época

em que efetivamente deflagrada a campanha eleitoral, bem como qual será o tipo de restrição. As campanhas mudaram muito o seu formato atual, diante das evoluções da tecnologia. Mas, em especial nas eleições municipais, o contato pessoal entre o candidato e o eleitor ainda é a pedra base para a conquista do voto. Assim, esperamos que até lá esta situação relacionada à pandemia esteja sob controle, pois a festa da democracia impõe uma efervescência cultural que é incompatível com medidas de isolamento social. Que venha a festa e que esta seja a mais ampla e legítima possível. Para que isto ocorra, cada um deve contribuir com as decisões adotadas pelas autoridades públicas que estão à frente do enfrentamento desta situação. Fiquemos em casa, por enquanto.

Como o MPE está se organizando para evitar que a legislação eleitoral seja burlada durante a campanha eleitoral?

A atuação do Ministério Público Eleitoral é sempre focada no fiel cumprimento da legislação que disciplina as eleições. Enquanto fiscal da ordem jurídica e defensor do regime democrático. É um processo complexo e que passa pela união de esforços das instituições responsáveis por prevenir e reprimir os abusos, além de uma constante preocupação com a conscientização do eleitor, pois é ele o senhor e a fonte do poder que será exercido, ao final, pelos seus representantes eleitos. Desta forma, todos os instrumentos que estiverem ao alcance das instituições são válidos para tentar atingir estes objetivos e preservar a democracia. Destaque-se, ainda, o importante papel da imprensa na conscientização do eleitor, por meio da divulgação dos diversos fatos que circundam a campanha eleitoral, além do próprio papel de fiscalização quanto ao exercício de atividades irregulares por parte dos candidatos e demais responsáveis pelos atos de campanha.

Em se consolidando a campanha, quais os mecanismos de fiscalização que serão adotados?

Ainda na fase de definição dos atores do processo eleitoral no pleito vindouro, a fiscalização consistirá na minudente análise quanto à existência das condi-

No caso das mulheres, no que se refere à cota de 30%, como fiscalizar esse cumprimento?

Inicialmente, deve-se esclarecer que o percentual de gênero de 30% não é necessariamente direcionado às mulheres. Esta cota mínima se refere tanto



O procurador Rodolfo Alves afirmou que a Procuradoria e as promotorias estão prontas para receber denúncias dos cidadãos

ções de elegibilidade e inexistência de eventuais circunstâncias

que impeçam as candidaturas. Para tanto, serão utilizados bancos de dados e pedidos de informações aos diversos órgãos detentores de dados que, eventualmente, possam configurar alguma causa de inelegibilidade, além de contar com a própria fiscalização dos cidadãos e dos candidatos opositores. Definidos os candidatos, o enfoque será no acompanhamento e fiscalização de práticas abusivas e ilegais de propaganda eleitoral, bem como coibir o ilegítimo uso do poder político e econômico

o homem ou mulher. É plenamente possível uma chapa proporcional composta, em sua maioria, por mulheres. Se assim acontecer, deverá ser resguardado o mesmo percentual mínimo para candidaturas do sexo masculino. Historicamente, diante da pequena participação da mulher na disputa por espaços políticos, este mínimo legal está atrelado às candidaturas do sexo feminino. A observância destes percentuais, mínimo de 30% e máximo de 70%, para cada sexo, é objeto de fiscalização quando dos pedidos de registro de candidaturas. Desta forma, o partido que não observar estes limites legais terá indeferido o registro de todos os seus candidatos à eleição proporcional.

E sobre as candidaturas ‘laranjas’ que foram denunciadas em todo o Brasil e colocaram a Paraíba em primeiro da lista dos estados com mais candidaturas femininas que não receberam nenhum voto em 2016. Como evitar que os partidos se utilizem dessa estratégia?

Historicamente, é desproporcional a participação feminina na disputa e ocupação de cargos representativos definidos no processo eleitoral. Embora a situação esteja em constante evolução, ainda pode ser considerado tímido o ritmo de crescimento. Como a alteração desta realidade perpassa uma mudança na cultura política, ainda se faz necessário todo um movimento de divulgação e incentivo ao efetivo envolvimento político das mulheres no processo eleitoral. Sem esta conscientização, o irregular fenômeno das candidaturas “laranjas” do sexo feminino, apenas para compor os percentuais nas chapas para as eleições proporcionais, será uma realidade com a qual os órgãos de fiscalização terão que se debruçar, com vistas a reprimir e punir os responsáveis por esta fraude à legislação, em especial quando existe o desvio de recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha, em razão de sua origem pública.

Historicamente, é desproporcional a participação feminina na disputa e ocupação de cargos representativos definidos no processo eleitoral, embora a situação esteja em constante evolução

Há algum canal de denúncia para a população para casos como este?

Cada uma das promotorias eleitorais, bem como a Procuradoria Regional Eleitoral, são canais de denúncias de qualquer irregularidade na aplicação da lei eleitoral.



Foto: Agência Brasil

Doença era desconhecida e sem vacina, havia mortes em massa e casos notificados em todos os países: assim se apresentava ao mundo a Gripe Espanhola, cujo alcance vem se igualando à Covid-19 em vários aspectos da saúde

Covid-19 reaviva um medo antigo: a Gripe Espanhola

Professor aborda semelhanças entre a Influenza, que atingiu a Paraíba, e a atual proliferação do coronavírus

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Uma pandemia sem precedentes até então. Milhões de contágios e inúmeras mortes. Autoridades duvidando de seu potencial. É só uma "gripezinha", disseram. Imprensa acusada de fazer "terrorismo". A mesma imprensa sendo a responsável por informar corretamente os dados. Primeiros casos surgiram no exterior e só então vieram para o Brasil. No começo, poucos infectados. De repente, os números subiram de maneira exponencial. Quarentena sendo recomendada, mas muitos fazendo pouco caso dela. "Vai prejudicar a economia", falaram. Autoridades infectadas e até mortas pelo vírus. Fronteiras fechadas só após o número de casos ser muito alto. Remédios "milagrosos" surgindo. Solução? Ficar casa e lavar bem as mãos.

Bem, se você estiver achando que este texto é sobre a Covid-19, enganou-se. Apesar da surpreendente semelhança, o parágrafo acima refere-se à Gripe Espanhola, que assolou o mundo a partir do segundo semestre de 1918. Na Paraíba, estima-se que foram infectadas mais de 2 mil pessoas em, aproximadamente, três meses. Sobre o número de mortes, não é possível precisar, mas acredita-se que tenha sido alto, sobretudo devido à falta de medicamentos, médicos e hospitais suficientes para atender a grande quantidade de enfermos. Quem traz os dados é o professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Azemar dos Santos Soares Júnior.

Azemar é pesquisador da História da Saúde e das Doenças. Publicou livros sobre a história da higiene na Paraíba, intitulado "Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)" e o livro "Physicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação de corpos na Paraíba (1913-1942)". Em breve, ele lançará o primeiro volume da História das Doenças na Paraíba, um livro que trata das epidemias de varíola, cólera, febre amarela, peste bubônica, gripe espanhola, boubá e câncer.

Segundo o professor, a gripe chegou à Paraíba por volta de outubro de 1918. O vírus chegou ao Brasil através do navio Demerara, responsável por transportar a correspondência oficial britânica.

"A Gripe Espanhola ou Influenza Espanhola irrompeu na capital paraibana, à época chamada Parahyba, no mês de outubro de 1918 e declinou em dezembro daquele mesmo ano. É preciso registrar que a doença se irradiou rapidamente por diversas cidades do interior do estado e foi transportada a bordo de navios vindos da Europa. O navio constipado chamava-se Demerara e apitou anunciando sua chegada em terras nordestinas. Era comum que as doenças de caráter epidêmico chegassem a bordo dos meios de transportes (navios e trens) responsáveis por trazerem cargas de alimentos e utensílios que abasteceriam a população local. Nesses veículos chegavam a modernidade e a enfermidade", explicou.

Diferente da Covid-19, que a princípio teve sua disseminação causada pelo trânsito de pessoas ricas (afinal de contas, são elas que viajam para o exterior), a Gripe Espanhola acometeu os mais pobres. "Após acometer uma significativa parcela pobre da população da capital, vitimou homens e mulheres nas cidades de Guarabira, que registrou 600 casos, Serra Redonda, que anotou 400; outros 300 casos só na cidade de Itabaiana. Em Santa Rita foram pontuados 150 casos, em Cruz do Espírito Santo cerca de 100 casos e em Cabedelo mais de 50 enfermos de gripe", descreveu.

Na Paraíba, estima-se que foram infectadas mais de 2 mil pessoas em, aproximadamente, três meses. Sobre o número de mortes, não é possível precisar a quantidade

+ De 1918 a 2020: que lições podemos tirar?

De acordo com o professor, tanto a Gripe Espanhola (1918) quanto a Covid-19 (2020) são doenças altamente contagiosas entre homens. "Ambas são provocadas por vírus e, apesar de frequentemente vistas como doenças brandas, podem levar à morte, em especial entre idosos e crianças. A Influenza Espanhola se manifesta no trato respiratório, sendo caracterizada por tosse, dor de garganta, coriza, febre, calafrio, fraqueza, prostração e dores de cabeça, nos músculos e juntas. Já a Covid-19 possui por sintomas tosse, febre, cansaço e dificuldade para respirar. São enfermidades que passam de indivíduo a indivíduo através de gotículas expelidas pelo corpo infectado. Ou seja, não há necessidade de um vetor. Quanto mais próximas estiverem as pessoas, maiores as chances de transmissão do vírus", disse.

E as coincidências não param por aí. Assim como em 1918, a Covid-19 chegou devido ao trânsito existente não apenas com os estados vizinhos, mas com os demais estados da federação, e mesmo com outros países do mundo. Em ambas as situações, o governo só resolveu por fechar as fronteiras como medida profilática quando o país já estava adoecido e o número de mortos era bastante significativo", afirmou e completou.

"As expectativas de cura em 1918 se pareciam muito com as que vivemos hoje. Não se tinha



Foto: Arquivo Pessoal

Professor Azemar Santos vê discursos e subestimação iguais nos dois períodos

um medicamento eficaz, capaz de matar o vírus. O que se tinha eram medicamentos paliativos para os sintomas. A quarentena, isolamento dos indivíduos infectados também foi adotada, mas apenas para os infectados. Esse fato fez com que a quantidade de doentes aumentasse significativamente, sobretudo, entre a população pobre e trabalhadora. Os jornais da época publicaram inclusive a alcunha de que se tratava de uma doença de pobres, pois a maior quantidade de enfermos era de pessoas com baixo poder aquisitivo".

O fato de mais de 80% dos enfermos serem pobres fez com que o governo estadual à época, na pessoa de Camilo de Holanda, não deu muita atenção ao surto. Os

jornais, cumprindo a tarefa de divulgação das medidas do governo, chegaram inclusive a circular que a gripe possuía um caráter benigno.

"Muito parecido com o discurso adotado em 2020, de que a Covid-19 é uma "gripezinha ou resfriadinho" de caráter benigno. Se a preocupação em 1918 era com a população rica, que isolada em suas casas não entravam em contato com a população trabalhadora, em 2020 a preocupação do governo é fazer não parar economicamente o país, pois trará prejuízos aos grandes empresários tidos pelo governo como "a locomotiva" do Brasil. É importante ressaltar que a maioria dos estados hoje, incluindo o governo da Paraíba, tem adotado as medidas indicadas pela Organização Mundial de Saúde e pelo Ministério da Saúde", completou o professor.

Como dito acima, outro fator que assemelha as duas epidemias são as medidas de higiene. Segundo o professor, na época da Gripe Espanhola, os meios de comunicação divulgaram discursos médicos sobre o cuidado com as mãos que deveriam ser bem lavadas com água e sabão, o uso de loções, as roupas trocadas após o contato com outras pessoas, evitar aglomerações de pessoas, manter-se em quarentena voluntária, não usar utensílios domésticos utilizados por outras pessoas, manter as ruas e as casas desinfetadas, dentre outras.

A GRIPE ESPANHOLA EM NÚMEROS

■ No mundo inteiro, estima-se que de 17 a 50 milhões de pessoas tenham morrido devido à Gripe Espanhola.

■ Quanto ao número de enfermos por Gripe Espanhola, esse foi assustador: uma média de 600 milhões de pessoas teriam sofrido com a pandemia de gripe.

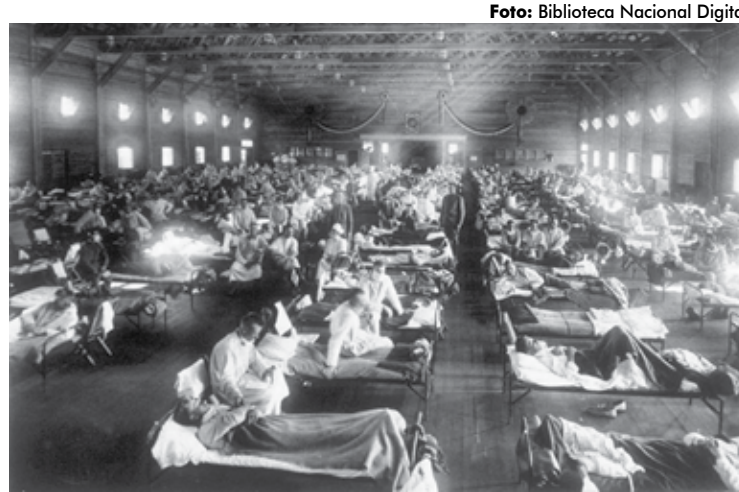


Foto: Biblioteca Nacional Digital

Hospital de Campanha montado nos Estados Unidos para atender os enfermos. Na Paraíba, a iniciativa já está em andamento voltada para casos da Covid-19

Igreja foi protagonista no Estado durante pandemia

Arquidiocese assumiu a luta contra a doença, adotando medidas para proteger especialmente os mais pobres

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Mas como a Paraíba reagiu à pandemia? Quais foram os principais efeitos dela no nosso Estado? Segundo o professor Azemar dos Santos Soares Júnior, o que se pode ver foi a adoção de um discurso bélico, tendo a Igreja Católica um papel de protagonismo no enfrentamento ao vírus.

“A Igreja Católica fez uma ferrenha oposição ao governo, divulgando a ideia de que, por se tratar de uma doença que ceifava a vida de pobres, devido à grande quantidade de enfermos pertencem ao grupo dos menos abastados, o Estado não estava interessado em socorrer tais pessoas. Assim, coube à Arquidiocese da Paraíba assumir, em 1918, o

protagonismo no sentido de cuidar dos influenciados pobres e divulgar medidas de higiene responsáveis por conter o avanço do vírus. O então arcebispo da Paraíba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, criou a Comissão Central de Socorros aos Influenciados Pobres”, lembrou o professor.

Ele listou ainda que dentre as medidas adotadas por essa comissão, estava a formação de equipes com finalidades diversas: a primeira tinha a função de realizar visitas domiciliares para avaliar as necessidades individuais efetuadas pelos congregados marianos,

filhas de Maria e irmãs de Lourdes e zeladoras do Apostolado da Oração; a segunda comissão era responsável pelas compras realizadas e pela aquisição de gêneros alimentícios para pobreza.

“Os padres passaram a fazer apelos diariamente, não apenas nos sermões das missas, mas também por meio de seus discursos publicados na imprensa. Conseguir uma grande quantidade de alimentos e roupas era a meta da Comissão. Para isso, foram colocados representantes dos grupos e movimentos católicos na intenção de saírem pelas ruas da capital pedindo auxílio”, afirmou.

Outro alvo das críticas foi o órgão responsável pela saúde na Paraíba, que passou a ser considerado inade-

quado. O presidente da Paraíba à época (cargo hoje equivalente a governador), Camilo de Holanda, só se pronunciou sobre a pandemia nos primeiros dias de novembro, aproximadamente um mês após o início do surto.

O professor explica que, na ocasião, ele anunciou ações de ele mesmo chamou de “medidas de salvação”: o fechamento das casas de instrução e diversões públicas, os cinemas, as igrejas e o envio de poucos recursos farmacêuticos que foram dirigidos àqueles “reconhecidamente indigentes”, que estivessem povoando o Asilo de Mendicidade.

“Essas medidas, além de não serem consideradas fundamentais no combate à epidemia, acabaram criando outro problema: a disputa religiosa das igrejas. A medida de fechar as igrejas foi vista com espanto. A ideia do governo era evitar aglomeração de pessoas que poderiam se tornar um foco de transmissão da doença que pegava facilmente. Porém, a medida foi entendida como forma de intransigência do governo, especialmente porque a Diocese da Paraíba estava à frente do trabalho de ajuda aos influenciados pobres. Portanto, publicou-se que o governo deveria exigir a higienização dos prédios em que funcionavam as igrejas e não fechá-las. As medidas de combate à epidemia só foram tomadas pelo governo quando o número de mortes crescia vertiginosamente”, explica.



Arcebispo da Paraíba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, criou a Comissão Central de Socorros aos Influenciados Pobres



Camilo de Holanda, presidente da Paraíba à época, só se pronunciou sobre a pandemia um mês após o surto

Outras doenças que assolaram a Paraíba

A Gripe Espanhola e a Covid-19 não foram as únicas epidemias que se fizeram presentes na Paraíba. O estado já foi atacado por “hospedes indesejados” diversas outras vezes. Ainda de acordo com o professor, desde o período colonial brasileiro, foram registrados surtos de varíola que pipocavam os corpos das pessoas levando ao padecimento da vida.

“A Varíola, assim como a Covid-19 era transmitida de indivíduo a indivíduo. Durante todo o século XIX, a Paraíba foi atacada por esse mal, chegando inclusive a serem construídos espaços destinados aos variolosos afastados das cidades. Não foi diferente no vigésimo século que enumerou surtos epidêmicos de varíola nos anos de 1902, 1905, 1907, 1912, 1913, por duas vezes só na capital em 1914, 1919, 1921 e 1925. Uma epidemia que grassou da Capital ao alto sertão vitimando a cidade de Cajazeiras, por exemplo”, relembrou.

Outras doenças que tiraram vidas em massa na Paraíba foram o Cólera e a Febre Amarela. Ambas de caráter epidêmico chegaram, possivelmente, a bordo de navios que traziam produtos alimentícios para nutrir a população paraibana.

“As décadas de 1850 e 1860 foram violentamente atacadas por essas enfermidades. O cólera provocava fortes dores no abdômen, vômito, diarreia, desidratação, perda de peso, produção insuficiente da urina, ritmo acelerado dos batimentos cardíacos e câibra nas pernas. Já a febre amarela, bastante conhecida como ‘bicha venenosa’, visto que o paciente parecia ter sido picado por uma cobra, causava febre elevada, dores nas costas e no abdômen, perda do apetite, vômitos, pele e olhos amarelados e sangramento. Enquanto o cólera, uma doença bacteriana, era transmitido através da água e do alimento contaminado ou de forma oral e fecal, a febre amarela necessitava de um vetor o mosquito”, explicou.

A peste bubônica também ganhou destaque dentre os registros epidêmicos na Paraíba. Segundo o professor em 1912, a cidade de Campina Grande recebeu pelos vagões do trem, não apenas os elementos da modernidade mas também os ratos que traziam o mal.

“A peste bubônica não chegou a atingir a capital, especialmente porque foram tomadas medidas de desinfecção dos trens e até mesmo a proibição de circulação destes entre a rainha da Borborema e a capital do estado. A medida foi adotada com a intenção de impedir que a enfermidade se espalhasse para outras cidades. A peste bubônica foi responsável por denunciar as precárias condições de higiene da cidade de Campina Grande, que precisou adotar medidas profiláticas de higiene para conter a epidemia”, disse e completou.

Curiosidades sobre a Gripe Espanhola

A Gripe Espanhola surgiu em 1918, em decorrência da Primeira Guerra Mundial, que acabara naquele ano, no mês de novembro. Neste mesmo ano, nasciam dois futuros presidentes, um do Brasil e outro da África do Sul. Em janeiro nascia João Figueiredo, que presidiu o Brasil durante a ditadura militar. Em julho, nasceria Nelson Mandela, uma das figuras mais importantes do mundo.

Naquele mesmo ano, Rodrigues Alves era eleito presidente do Brasil em 1º de março. Ele nunca chegou a assumir e morreria em 16 de janeiro de 1919, em decorrência da Gripe

Espanhola. Mas de onde vem o termo Gripe Espanhola? Diferente do que alguns acham, inclusive deputados federais, a doença não se originou na Espanha. Ela recebeu esse nome em razão da forte divulgação do problema na imprensa espanhola.

“O mundo vivia o caos da Primeira Guerra Mundial, desde o ano de 1914. Uma das medidas adotadas pelos países envolvidos foi a censura à imprensa, especialmente em tempos de pandemia, pois divulgar que determinadas tropas tinham sido infectadas, soaria como alvo fácil do inimigo. Portanto, os países envolvidos na guerra trataram de

censurar o assunto da gripe. Por outro lado, a Espanha não estava envolvida com a guerra, deste modo, não havia necessidade de censurar a imprensa”, explicou o professor Azemar.

Dados: o primeiro registro de um enfermo desse mal ocorreu em 14 de março de 1918, num acampamento militar de Fort Riley, nos Estados Unidos. Num prazo de quatorze dias, mais de mil pessoas já estavam infectadas. A doença se alastrou para outros acampamentos, cidades, estados, países. Chegou ao Brasil seis meses depois e dizimou aproximadamente 35 mil pessoas.

Foto: Getty Image



Foto: Getty Image



Primeiro registro da Gripe Espanhola no mundo ocorreu em 14 de março de 1918, nos Estados Unidos. Em apenas 14 dias, mais de mil pessoas foram infectadas e logo a doença já havia se alastrado para vários países. Chegou ao Brasil seis meses depois e matou aproximadamente 35 mil pessoas

Mãos que ajudam: a solidariedade imune à pandemia

Três exemplos de projetos ensinam que é possível rever práticas e ser criativo para manter ações sociais em meio à crise

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Em tempos de pandemia do novo coronavírus, uma das maiores precauções é evitar o contato físico. Mas é possível desenvolver novas formas de voluntariado (ou adaptar velhas práticas), adotando os cuidados prescritos. Pesar entre o isolamento irrestrito e a ajuda aos mais vulneráveis está fora de questão para os três entrevistados desta reportagem, que dedicam parte da vida (quando não toda ela) a projetos humanitários.

Filha de veterinário, Andréia Medeiros, 37, nasceu com o dom de “cuidar de bicho”, como diz. Não qualquer um. “Dos que mais precisam”, pontua a empresária, que lembra que escapava das missas na infância para brincar com os peludos. Acostumada à sua presença o tempo todo, foi há cinco anos que batizou na ONG que fundou o projeto que abraçou para a vida: Missão Patinhas Felizes.

Hoje, cuida de 150 cachorros numa granja com 20 dependências. Somando alimentação, remédios, limpeza e moradia, os gastos facilmente

ultrapassamos R\$ 7 mil mensais, que ela divide com outros doadores do projeto. No que a pandemia lhe atingiu? “Eu, que antes dividia tarefas com duas funcionárias, passei a executá-las sozinha. Também diminuí os resgates e a ONG suspendeu os eventos mensais de adoção”, lista. O que não a impede de ir de carro próprio ao encontro dos adotantes, munida de máscara e álcool em gel.

Portadora de doença autoimune, Andréia se enquadra no grupo de risco. É um elemento menor, segundo ela, diante da fragilidade dos animais que resgata, para os quais é difícil enxergar adoção: “São cães com doenças crônicas de pele e do coração, leishmaniose, deficiências diversas. Dependentes de cuidados veterinários para o resto da vida. Sei que ficarão o resto da vida comigo”, conforma-se, emocionada. “Os rejeitados pela sociedade são bem-vindos aqui”, ensina.

Foto: Acervo pessoal



Mesmo com doença autoimune, Andréia Monteiro não deixou de lado os animais abandonados

+

As confecções de máscaras começaram a ser feitas com TNT. Hoje, Andréia utiliza tecidos e materiais que também recebe como doação

Foto: Lucio Vilar



Máscaras para quem necessita

Com o desaparecimento das máscaras no mercado – e a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que as cirúrgicas devem ser reservadas apenas aos profissionais de saúde – uma nova frente de negócios ganhou fama no boca a boca e redes sociais: a venda das de tecido. Belos modelos, lisos e estampados, custando entre R\$ 5 e R\$ 10 a unidade, estão suprindo a lacuna.

A nutricionista Andréia Vilar foi além e pensou em quem não tinha nem isso para gastar e resolveu fabricar e distribuir todas de graça.

“A produ-

ção foi pensada inicialmente só para a família, amigos e vizinhos. Até que soube, por uma prima, de um projeto de acolhimento a moradores de rua e sugeri lhes doar as máscaras em material TNT (descartável)”, conta.

Hoje, Andréia aproveita materiais como linha, elásticos e tecidos em algodão doados para tocar a produção, que calcula em 20 por dia. “Mesmo com todo o estresse do isolamento e afazeres domésticos, quando me sento para costurar, sinto o cansaço ir embora: é uma terapia”, afirmou.

A nutricionista Andréia Vila optou por não vender as máscaras mesmo a preços acessíveis e decidiu distribuir de forma gratuita para as pessoas que não podem pagar por uma

Ação e amor

Família distribui sopas em bairros de JP

Desde a morte do filho mais velho, em 2018, a família Uchiha começou a pensar numa forma de superar o luto. Católicos, se juntaram à igreja para ganhar as ruas com o projeto Sopão do Bem. “Passamos pelos bairros centrais de João Pessoa no segundo sábado de cada mês transportando quatro caldeirões, que servem 500 pessoas, que também recebem pão e suco”, explica o publicitário Roberson Uchiha, 28, o caçula.

Parentes e amigos são responsáveis pela arrecadação dos ingredientes, e a comida é preparada cedinho, na cozinha da família. “A pandemia nos atrapalhou porque, quando pensávamos em expandir o trabalho, tivemos que poupar alguns voluntários”, diz Uchiha. Atrapalhou mas não impediu de tocar a ação duas ou três vezes. Mas assim que os duros tempos passarem voltarão com a rotina.

SERVIÇO

■ Conheça mais sobre os projetos e como doar pelo Instagram:

@missaopatinhasfelizes

@sopaodobemjp

@andreaavilar

Foto: Divulgação



Ao lado, um dos momentos em que a família Uchiha se une com outros voluntários para servir sopas em bairros centrais da Capital

Foto: Teresa Duarte



Foto: Edson Matos



Foto: Teresa Duarte



O município possui várias aldeias indígenas da nação Tabajara, como Camurupim, Forte e Tramataia, lugares de paisagens exuberantes, com rios, mangues e uma rica cultura

Baía da Traição, terra de história e turismo

Desde Américo Vespúcio, em 1501, a cidade recebe visitantes do Brasil e do mundo inteiro

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Horácio de Almeida diz que Baía da Traição tinha o nome primitivo de Akajutibiró – em tupi, “Terra do Caju Azedo”, havendo outros autores que traduzem o temo como “Cajual da Sodomia”. E que os silvícolas desta porção Litorânea do Norte Paraibano, situada a 84 quilômetros de João Pessoa, fizeram seu primeiro contato com europeus em 1501, através da armada de Américo Vespúcio. “Estudar a história de Baía da Traição é pesquisar sobre a própria origem do Brasil”, diz o Secretário Municipal de Turismo, Aluísio Lorena.

O relato deste contato de Vespúcio, a serviço do rei D. Manuel I, de Portugal, provoca polêmica entre os historiadores. Mas, consta nos diários de bordo Lettera e Mundus Novus. Então, a dúvida paira no que se refere à verdade ou fantasia. A esquadra de Vespúcio chegou aqui em agosto de 1501, após 64 dias de viagem. Partiu de Lisboa no final de maio do mesmo ano. A perigosa travessia via Atlântico, enfrentou as grandes tempestades de junho e julho.

Vespúcio gostava de atribuir a si os feitos alheios. E, até hoje, ninguém sabe porque o cartógrafo alemão Martin Waldseemüller deixou de batizar o continente americano como Chistovânia ou Colômbia, e dar-

lhe-o nome de América, em homenagem a Vespúcio. Waldseemüller escreveu seu primeiro planisfério em 1507, mas cometeu este erro, ao esquecer o nome de Colombo, na hora de batizar o Novo Mundo. Assim, a história deste município iniciou dentro de polêmicas.

Nos primeiros dias de agosto de 1501, Vespúcio é avisado pelo marujo da gávea, de que “mulheres acenavam nuas”, do alto de um monte. Ele autorizou a ida de quatro marujos à praia, a fim de fazerem a barganha. É quando quatro índias se aproximam dos homens e os matam com tacapes. Aí Vespúcio batiza o local de Bahya de Treiçam. O município teria nascido de um incidente, que daria origem a uma história de conquista, marcada por guerras entre portugueses, franceses, holandeses e índios, pela posse da terra.

Hoje, as praias de Cardoso, Prainha e as aldeias indígenas, atraem os visitantes. O Rio do Gozo, na aldeia Tracoeiras, a 12 quilômetros do centro urbano, foi visitado até por Flávio Capitulino, o restaurador paraibano de obras de arte, que trabalha na França, com a filha de Picasso. Tininha e Fábio Gouveia são nomes internacionais do Surf, saíram de Baía da Traição. Tininha é filha da terra. Fábio é de João Pessoa, mas treinava em Cardoso. A Sectur-BT informa que as praias e rios locais são de ótima balneabilidade.

+ Prevenção à Covid-19

Com relação ao combate ao coronavírus, que causa a Covid-19, a Prefeitura tem feito um trabalho de desinfecção. “Como prevenção ao coronavírus, todos os prédios públicos foram submetidos à desinfecção”, garante a Sectur-BT. Com a pandemia, as pousadas, bares e restaurantes estão fechados, alguns atendendo via delivery.

O comércio vem sofrendo baixas desde 2016, embora mercadinhos e supermercados tenham registrado alta no faturamento, porque a população local não está se deslocando para outros centros. Bombeiros civis e equipes da Prefeitura, além de uma brigada indígena, montam barreiras na PB-061, para impedir a entrada de pessoas vindas de fora e evitar aglomerações que facilitem a proliferação do vírus.

Na gestão atual do prefeito Euclides Sérgio Costa de Lima Júnior – Serginho -, surgiram melhoras na roupagem urbana, com o calçamento de 20 ruas e outras obras. Há incentivos ao esporte. A reforma do Posto de Saúde Antonio Palitot agilizou os atendimentos de saúde, havendo médicos de segunda às sexta-feira. Uma frota de nove veículos – incluindo uma van e um ônibus - destina-se ao atendimento de doentes.

A reforma do Colégio Sagrado Coração de Jesus, deu oportunidade de ensino a mais crianças. A escola Municipal da Aldeia de Lagoa do Mato, segundo a Sectur, é referência para a região. A rede municipal tem 13 escolas, uma creche e 2,2 mil alunos matriculados.

Foto: Edson Matos



Ruínas da Capela de São Francisco, parte da rica história construída ao longo dos séculos em Baía da Traição

Foto: Teresa Duarte



A natureza oferece ao visitante do município de Baía da Traição lugares belos e bucólicos, como o Rio da Ponte

Tesouros, naufrágios e igrejas

Carta do provedor-mor da Bahia, Bernardo de Souza Estrela, dirigida a D. João V, em 1727, diz que este navio de guerra, da Coroa Portuguesa ia carregado, para Lisboa, com uma carga de 1 bilhão de dólares (a dinheiro de hoje). Conduzia seis milhões de cruzados reais em moedas de ouro e prata, 6.450 quilos em lingotes de ouro e ouro em pó, além de inúmeros diamantes e outras pedras preciosas. O pesquisador Ivo Gouveia afirma que “o galeão estaria afundado na Costa da Paraíba, a uns 60 quilômetros do Cabo Branco (Baía da Traição), em profundidade superior a 500m”. O Santa Rosa explodiu no mar, na noite de 6 de setembro de 1726. A Nau Almiranta Nossa Senhora de Nazaré salvou algumas vítimas. Mas, três frades conseguiram sobreviver à explosão e chegaram a Baía da Traição agarrados a destroços de madeira.

Eram os irmãos franciscanos João, Henrique e Caetano. O povo os recebeu em festa. E, ao apelo deles, construíram uma cruz com os destroços do navio, que até hoje se encontra na Capelinha do Belo Amor, em Baía da Traição. Mais de 90% da fortuna deste navio continua submersa, diz o Sistema de Informações de Naufrágios (Sinau), órgão que congrega pesquisadores subaquáticos.

■ **Capela de São Miguel** - Hoje em ruínas, é obra de padres jesuítas, no início do Século XVIII. Tinha a missão de aldear e catequizar os índios locais e de prestar apoio espiritual à guarnição portuguesa do Fortim do Tambá, equipado com oito bocas de canhões. No local do fortim, atualmente só existem três canhões, com o Brasão de Felipe II de Portugal e I da Espanha

■ **Rio do Gozo** - É chamada assim a nascente do rio Sinimbu, na Aldeia Tracoeiras, a 12 Km da sede urbana. Suas águas são límpidas e permanecem geladas a qualquer hora do dia. Nos últimos três anos aumentou o fluxo turístico no setor. A culinária indígena é oferecida aos visitantes. O toré, a dança ritual dos potiguaras, é exibida nas exposições de turismo étnico, promovidas pela Prefeitura ou nas aldeias.

■ **Banho do Rio da Ponte** - Fica na rua de acesso à aldeia de São Miguel - Havia uma ponte de madeira, ligando o centro urbano à aldeia. O banho e o tráfego se tornaram seguros depois que a Prefeitura e o Governo do Estado construíram uma ponte de concreto.

■ **Lagoa do Encantado** - É uma lagoa formada no curso de um riacho que deságua no Oceano Atlântico. A lenda: Uma princesa potiguar, ao recusar o amor de um bruxo-pajé, foi transformada numa serpente, guardiã de um tesouro, no fundo das águas. A história: Tem apoio na fuga da esquadra holandesa do almirante Hendrickz, bombardeada em Salvador, que aportou em Baía da Traição (1633), perseguida por navios luso-espanhóis. A fim de chegar à terra, onde recebeu ajuda dos potiguaras, o batavo mandou atirar parte do tesouro que conduzia no mar e, outra, na Lagoa. Os holandeses receberam ajuda dos índios e conseguiram fugir.

■ **Como chegar:** Sair de João Pessoa pela BR-101 Norte e dobrar à direita na passagem do Viaduto de Mamanguape. Seguir até Rio Tinto e pegar a PB-041 Wellington Mendonça, após girar à direita ao lado da Matriz de Sana Rita de Cássia. Depois de 24 quilômetros de percurso, chega-se a Baía da Traição, por asfalto.



Foto: Blog do Zezinho

Desmistificando o autor do 'Eu'

Escritor paraibano, que faria aniversário amanhã, também tinha um lado jocoso e "brincalhão"

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Eleito com quase 100 mil votos da população como o "Paraibano do Século 20", o poeta Augusto dos Anjos completaria 136 anos de idade amanhã. Por causa do nascimento deste que foi autor de uma única obra, intitulada *Eu*, lançada em 1912, a data também é considerada como o Dia Estadual do Escritor e do Poeta, instituída por duas leis aprovadas pela Assembleia Legislativa, Lei 4.541, em 1983, e Lei 8.263, em 2007.

"Foi muito oportuna e uma ideia muito feliz a escolha dessa data, porque Augusto dos Anjos é um dos grandes poetas do Brasil. Ele é um poeta inclassificável e que, apesar de ser conhecido mais pelo caráter mórbido de sua obra, também tinha uma linguagem mais romântica, jocosa e engraçada", disse a escritora Neide Medeiros Santos. "A instituição do Dia Estadual do Escritor e Poeta é importante porque está valorizando o escritor de nossa terra. Além disso, a escolha da data foi muito boa porque Augusto dos Anjos representa muito bem os paraibanos de uma maneira geral e por ter sido escolhido um poeta. E é bom salientar que a Paraíba é berço de muitos bons poetas", disse a colunista do jornal **A União**.

A propósito, Medeiros é uma das organizadoras, em parceria com as pesquisadoras Maria do Socorro Silva Aragão e Ana Isabel de Souza Leão, da segunda edição do livro intitulado *Augusto dos Anjos e Sua Época*, autoria do historiador, médico, pesquisador e bibliófilo paraibano Humberto Nóbrega, que morreu em 1988, aos 76 anos. A obra, revista, ampliada e atualizada, tem 432 páginas e foi lançada pela Editora da Universidade Federal da Paraíba, em 2012, dentro das comemorações do centenário de publicação de *Eu*.

"Esse livro de Humberto Nóbrega é muito bom e substancial. Publicado na década de 1960, a obra apresentou

muitos erros, porque, na época, o texto era datilografado e ele mesmo reconheceu essas falhas. Nesta segunda edição, nós corrigimos tais falhas, revisamos, ampliamos e atualizamos a obra, que até então só era possível encontrá-la em sebos ou em bibliotecas particulares", disse Neide Medeiros, acrescentando que o objetivo do lançamento foi o de atingir os alunos do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Médio.

A escritora observou que em *Augusto dos Anjos e Sua Época*, o historiador traz vários textos e poemas publicados no jornal intitulado *Nonevar*, que circulava no começo do Século 20, na tradicional Festa das Neves, na cidade de João Pessoa, entre os anos de 1908 e 1910. "O pesquisador Humberto Nóbrega teve o grande mérito de ser o primeiro a mostrar o lado brincalhão, jocoso e cheio de graça de Augusto dos Anjos", disse Neide. "Em forma de poemas, Augusto louvava as moças de sua época e fazia troça dos rapazes, chamando-os de *smarts*, espécie de 'almofadinha'. Para as mocinhas, versos amenos e elogiosos, e para os rapazes, versos mais mordazes", acrescentou ela.

Na opinião de Neide Medeiros, Augusto dos Anjos não lançou outros livros porque não teve tempo. "Ele morreu com 31 anos de idade e, como professor secundarista, passava por dificuldades financeiras. Foi seu irmão mais velho, Odilon, que era advogado no Rio de Janeiro, quem o ajudou a pagar pela impressão da obra. Dois anos depois da publicação original, o autor morreu, tendo deixado algumas poesias publicadas posteriormente. Mas, com o seu livro, ele ficou na história como um dos grandes poetas brasileiros, com uma poesia inovadora para a época, inclassificável e múltipla, pois abordou vários temas, como o científico, o filosófico e o religioso, incluindo não apenas o catolicismo, como também o budismo, por exemplo, e tem uma fortuna crítica riquíssima", ressaltou ela.

Galanteador

Autor do roteiro de *Augusto dos Anjos em Quadrinhos*, publicado pela Patmos Editora, em 2014, como volume inicial da Coleção Primeira Leitura, Jairo César Soares também confirmou o lado mais engraçado do poeta do *Eu*. "Tudo em Augusto dos Anjos é controverso. Nada é unanimidade. O que a gente percebe é que ele usava dois pseudônimos para escrever no jornal *Nonevar*.

Um era Chico das Couves, um escrachado, que tirava onda e fazia piada com todo mundo. O outro era Thales de Mileto, o galanteador, que chamava as meninas de 'Sílides impolutas' e 'miniaturas de deusas gregas', relatou ele.

Jairo César ainda fez questão de lembrar que Augusto dos Anjos não era um autor, uma figura com ares de "misantropo e sorumbático", como se acredita até hoje. E esclareceu a razão: "As crianças gostavam de Augusto dos Anjos. Ele chegou à cidade de Leopoldina em meados de julho de 1914 para assumir o cargo de diretor de um grupo municipal. No dia 30 de outubro daquele mesmo ano, ele acompanhou o enterro de uma pessoa muito conhecida na cidade e tomou uma chuva. Ficou doente e os alunos, por causa de sua ausência no colégio, ficavam querendo saber quando retornaria. Mas ele ficou doente e morreu 12 dias depois, de pneumonia, e não de tuberculose, como já se divulgou erradamente. A cidade de Leopoldina o acolheu com muito carinho", explicou o escritor.

"Cito isso na minha biografia em HQ de Augusto dos Anjos para tentar mostrar um Augusto mais humano, uma criança que teve infância no lugar onde nasceu, em 1884, o Engenho Pau d'Arco, então a Vila do Espírito Santo, na Província da Parahyba do Norte, atualmente Município de Sapé. Eu também quis, ao lançar a obra, aproximar mais Augusto das crianças", acrescentou.

Jairo César também disse que o poeta do *Eu* continua ainda hoje influenciando escritores e músicos, por causa, por exemplo, de um aspecto da sua obra: o fato dos temas tratados serem de cunho universal e passarem de uma geração para outra. "O poema *Versos Íntimos*, que ele escreveu aos 16 anos de idade, é um exemplo, pois fala da ingratidão humana".

No período de pleito para o "Paraibano do Século 20", Jairo relembra de quando se encontrou com outro notável que estava no páreo. "Eu me encontrei uma vez com Ariano Suassuna, que ficou em terceiro lugar nessa eleição. Na época, ele me confessou que fez a campanha para a escolha de Augusto dos Anjos", disse.

Sobre o Dia Estadual do Escritor e do Poeta, segundo Jairo César Soares, que a data "sirva para refletir sobre a produção literária, que é extremamente rica e considerada uma das melhores do país".

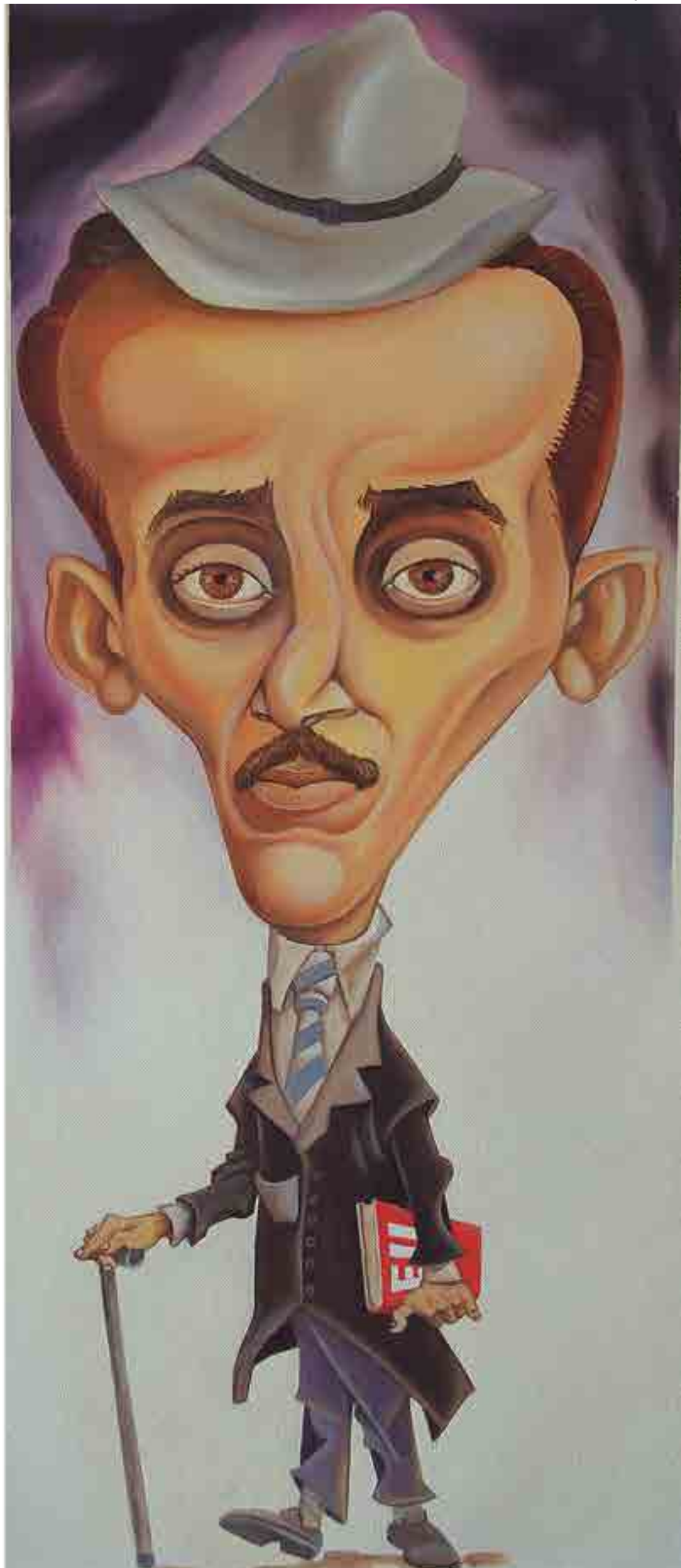


Ilustração: Tônio

/// O pesquisador Humberto Nóbrega teve o grande mérito de ser o primeiro a mostrar o lado brincalhão, jocoso e cheio de graça de Augusto dos Anjos ///

Memorial comemora aniversário pela internet

Amanhã, o Memorial Augusto dos Anjos, localizado na cidade de Sapé, no Brejo paraibano, terra natal do escritor, promoverá um sarau poético, por meio de uma transmissão ao vivo pela internet, que será apresentada a partir das 16h, pelo Instagram oficial da própria instituição (@agustodosanjosmemorial).

O evento Celebrando os Anjos de Augusto, realizado pela Prefeitura Municipal, objetiva marcar – em clima de celebração – os 136 anos de

nascimento do poeta do *Eu*. "O internauta que quiser poderá participar de forma espontânea e haverá a possibilidade, o recurso de se transmitir em vídeo quem estiver recitando ou declamando um poema que, preferencialmente, deve ser de Augusto dos Anjos", disse o gestor do Memorial, Valter Júnior, que também é o gerente de Fomento ao Turismo do Município. Ele acrescentou que essas apresentações serão gravadas para posterior divulgação pelo YouTube.

A programação em torno do aniversário de Augusto dos Anjos ainda inclui a realização de mais uma *live* pelo Instagram do Memorial. Segundo Valter Júnior, o evento será no próximo dia 29, com transmissão ao vivo a partir das 16h. Ele antecipou que se apresentará uma atração da própria cidade, o cantor, compositor e artista plástico Romualdo Batista, que tocará para os internautas canções autorais e de outros autores da MPB.

A programação virtual do Memorial Augusto dos Anjos, que está fechado atendendo recomendação das autoridades como medida preventiva contra a pandemia do Covid-19, objetiva justamente evitar a aglomeração de pessoas, segundo seu coordenador.

Além de ser um dos grandes autores da literatura brasileira, Valter Júnior disse que Augusto dos Anjos tem contribuído para o crescimento do turismo no Município, com o registro de 13 mil visitantes a cada ano.



Foto: Divulgação

'Live' do Memorial acontecerá amanhã, às 16h

Valens: a música também morre?

Toda vida carrega um potencial trágico. Vamos morrer um dia. Por mais certa e insofismável que seja essa afirmação, são poucos os que a aceitam com naturalidade. Vejo o medo da morte como o mais fundamental dos medos humanos e compartilho da mesma visão filosófica de Bertrand Russell e Lucrécio para quem a crença religiosa nasceu do primitivo medo da morte. Já pensou como seria o mundo se a morte não existisse?

A morte não atinge apenas biologicamente os seres vivos. Ela pode acertar em cheio as ideologias, o amor e a cultura. Tudo morre. Eu morreréi. Você morrerá. Como disse o Rei Salomão no livro de Eclesiastes: "Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó".

Há quem enxergue na pandemia do coronavírus a morte do Século 20, da mesma forma como o historiador Eric Hobsbawm viu na Primeira Guerra Mundial o sepultamento do Século 19. Vladimir Lênin, o revolucionário bolchevique dizia que "há décadas em que nada acontece e há semanas em que décadas acontecem." Estamos vivendo hoje algo dessa magnitude, mas que só teremos a dimensão exata com um maior distanciamento histórico.

O dia 3 de fevereiro de 1959 foi um desses dias em que décadas acontecem, ou melhor, deixam de acontecer. Ele entrou para a história como "O dia em que a música morreu". O avião que transportava Ritchie Valens, Buddy Holly e Big Bopper, três dos mais promissores jovens astros do rock and roll da época, caiu durante uma viagem noturna. O piloto da aeronave perdeu o controle numa forte tempestade de inverno, em parte, por causa de sua pouca experiência. O avião se chocou numa plantação de milho. O que se interroga até agora é como seria a história do rock se esse acidente trágico não tivesse ocorrido?

Ritchie Valens, o primeiro astro latino do rock, tinha apenas 17 anos quando morreu. Já havia emplacado no rádio sucessos como 'Come On, Let's Go', 'Donna' (canção romântica que fez em homenagem a sua namorada, Donna Ludwig), e 'La Bamba' (música folclórica mexicana que transformou num dançante rock and roll e que viraria um hit mundial). Ritchie experimentava ainda os primeiros louros da fama meteórica.

Era um jovem californiano, filho de pais mexicanos, muito talentoso e de origem pobre. Um artista versátil. Tocava guitarra, cantava e criava músicas. Ele e o irmão mais velho, Bob Morales, foram criados pela mãe, a sra. Concepcion Valenzuela. A família passou por sérias dificuldades financeiras que só foram sanadas com o sucesso de Ritchie.

A sua vida foi decidida num lance traiçoeiro de sorte. Depois de um show da turnê *The Winter Dance Party*, que participou ao lado de outros artistas de rock, na cidade de Clear Lake (Iowa), seu colega Buddy Holly decidiu fretar um avião para Moorhead, em Minnesota, local onde seria realizada a próxima apresentação. O inverno estava muito intenso e as viagens da turnê com datas em 24 cidades do centro-oeste norte-americano, no período curto de três semanas, foram feitas até então num ônibus que estava apresentando defeito no sistema de aquecimento.

Ritchie, que se sentia cansado e doente e tinha medo de avião, porém, viu a oportunidade de chegar de forma mais rápida e confortável na próxima parada da turnê. O avião fretado por Buddy seria um monomotor modelo Bonanza B35, o primeiro a ser lançado da marca, que cabia apenas três passageiros. A intenção de Buddy era levar com ele os músicos Waylon Jennings e Tommy Allsup que o acompanhavam nos shows.

Com o interesse de Ritchie em fazer a viagem de avião, Buddy propôs que tentasse a sorte no cara e coroa com Tommy. Ritchie venceu. Entretanto, o cantor Big Bopper, que também estava doente, pediu para que Waylon cedesse o seu lugar no voo. Ele concordou. Conta-se que, numa brincadeira irônica, num prenúncio macabro, Buddy teria dito a Waylon: "Espero que esse seu velho ônibus congele" – que teria retrucado com a resposta mal agourenta: "E eu espero que esse seu avião velho caia". A tragédia marcaria o fim da Era de Ouro do Rock.

*Now that you're gone
I'm left all alone all by myself
To wander and roam...*

(Trecho da canção 'Donna')

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A dignidade destruída

Um sistema político que nega ao cidadão o direito à vida, seja biológica; social; intelectual; econômica; cultural; lazer; entre outras, conduz esse cidadão a ser estranho a si mesmo e de existir fragmentado numa não identidade. Esse estranhamento são efeitos de causas e são explicáveis a partir de um poder mistificador que é usado para alienar as massas e também é usado para matar e para estrangular as legítimas manifestações culturais dos cidadãos, e das instituições. Experimentar a dor de não se pertencer é sentir uma melancolia pela ausência de uma dignidade. Essa melancolia nasce numa sociedade adoecida pelo ódio, na insuportável injustiça social, na escassez material e na mais absoluta miséria que ela se encontra. A política da morte anestesia a consciência crítica do cidadão, torna-o insensível para banalizar o mal e o reduz a uma "coisa" sem importância na dinâmica social.

O filósofo, musicólogo, compositor e sociólogo alemão Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno (1903-1969), na sua obra *Dialética Negativa* (1966), inscrita na tradição da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, apresenta a emancipação do homem através da dialética como forma de ir contra as forças opressivas da sociedade e do Estado. Para Adorno, superar essa alienação significa despertar para a realidade da própria existência; também deve-se compreender que a realidade concreta nasce de uma realidade anterior que lhe deu causa, e que há um processo histórico na formulação de todas as políticas e de todas as atividades humanas. Discutir o processo – dessa realidade cruel – é libertar-se da própria alienação; deve-se negar suas premissas para examinar a verdade, e isso é a tarefa da "dialética negativa" em oposição à Necropolítica ou política da morte. Adorno, em vez de basear o conhecimento humano sobre a identidade – na consciência – entre os objetos e o sujeito pensante, de acordo com a tradição da dialética do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), a sua "dialética negativa" é um conhecimento denso da não identidade entre sujeito e objeto; é a consciência dessa diferença e da impossibilidade

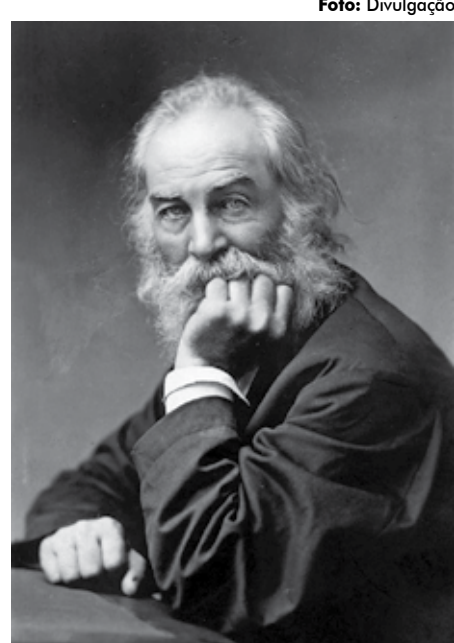


Foto: Divulgação
Poeta e ensaísta norte-americano Walt Whitman

de compreender o todo por meio do simples pensamento. Nesse contexto, a totalidade é uma ilusão, e o todo para se afirmar anuncia os seus limites. Para Adorno, a ética surge nas reflexões a partir da vida danificada. Ele disse: "Lá, onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. Essa segue o ímpeto expressivo do sujeito. A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda a verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado!". É pelo respeito à diferença que Adorno desenvolve a sua dialética negativa, e compreender essa alteridade é deixar que esse sujeito fale, e se ele estiver incapacitado de expressar-se, porque está enfraquecido pela dor, é tarefa do pensamento e da dialética dar voz. O pensamento é chamado a emprestar a sua voz à alteridade, e não a impor a sua palavra sobre o outro. Sofrer é sentir a separação entre o que deveria ser e o que está sendo. Pensar o sofrimento é sentir a injustiça de cada dor. Toda injustiça tem a sua própria mágoa que é diferente de outra dor e não tem pretensão de ser universal, porque cada indivíduo carregar uma dignidade destruída.

Vejamos este poema de Walt Whitman (1819-1892), do livro *Folhas de Relva*, com a tradução de Geir Campos.

*Com música forte eu venho
com minhas cornetas e meus tambores:
não toco hinos
só para os vencedores consagrados
tocos hinos também
para as pessoas batidas e assassinadas.*

*Vocês já ouviram dizer
que ganhar o dia é bom?
pois eu digo que é bom também perder:
batalhas são perdidas
com o mesmo espírito
com que as ganhas.*

*Eu rufo tambores pelos mortos
e sopro nas minhas embocaduras
o que de mais alto e mais jubiloso
posso por eles.*

*Vivas àqueles que levaram a pior!
E àqueles cujos navios de guerra
afundaram no mar!
e a todos os generais
das estratégias perdidas,
que foram todos heróis!*

*E ao sem-número dos heróis desconhecidos,
Equivalentes aos heróis maiores
que se conhecem!*

*Aos que falharam,
grandes na aspiração!*

Irei dar continuidade a esse ensaio na Rádio Tabajara. Sinta-se convidado para a audição do 263 Domingo Sinfônico, deste dia 19, das 22h até às 0h. Baixe o aplicativo ou busque no Google radiotabajara.pb.gov.br; sintonize AM 1.110 ou FM 105,5. Irei comentar as peças e o violoncelista catalão Pablo Casals i Defilló (1876-1973). Através da sua arte, ele construiu a vitória da democracia para salvar a dignidade humana diante dos regimes autoritários. O seu nome é imortalizado nos concursos internacionais e nos festivais de música erudita. Ele sempre recusava a se apresentar em países que reconheciam o governo autoritário do general Franco. Pablo estabeleceu a paz entre as nações e a sua peça *O Canto dos Pássaros* é o Hino das Nações Unidas – ONU.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A liberdade de Esther

Liberdade. Essa palavra não pode ser transitória. Sequer precária, instável, arriscada, incerta, provisória, insegura, indefinida ou duvidosa. Alguém duvida? E não deveria ser uma meta. Por que é mais difícil para a mulher se tornar um ser livre? Por que as religiões formam barreiras?

Quando acabei de assistir a minissérie *Nada Ortodoxa*, uma história verdadeira baseada no livro autobiográfico de Deborah Feldman senti um alívio e uma porrada. Eu digo não à tradição. Eu digo não. Escrita por Anna Winger e Alexa Karolinski, dirigida por Maria Schrader e produzida por Karolinski a série é muito boa.

Estava sentado de frente para a tela branca, pronto para fazer um texto sobre o filme *A Pura Verdade*, de Kenneth Branagh, que trata do ato final do dramaturgo maior, William Shakespeare. Quem sabe, depois. O filme é tão bonito!

A minissérie aborda a história de Esther (Shira Haas), uma adolescente que vive na comunidade hassídica em New York. Com 17 anos, ela é obrigada a se casar. É tão perverso isso, uma pessoa ser obrigada a casar com outra. Aliás, em tempos remotos, cá estamos presos em nossas casas. Até quando?

Em meio aos horrores do matrimônio, Esther, uma menina delicada (ou irada) se vê confrontada por seus desejos de liberdade. A moça não suporta ter relação sexual com o marido, Yakov (Amit Rahav), que nem é um homem bronco, apesar de viver agarrado à saia da mãe. Ela sente dor. Ele insiste. Tudo em nome da religião. Ela só pensa em se libertar. A falta de um bebê na família vira um problema. Acho que eles só conseguem fazer sexo uma vez.

Sem poder estudar (ela queria ser pianista) ou fazer qualquer coisa que não seja apenas ter filhos com um estranho, Esther percebe que existe um mundo melhor e maior do que o ofertado pela comunidade judaica ultraconservadora. Ester ganha o mundo. Foge. Desaparece.

Raspam o cabelo das mulheres e metem perucas. Que coisa estranha!

Desde suas roupas e seu cabelo até o que ela pode ou não comer: tudo é controlado pela religião. Tudo. Não tem quem aguente viver algemado por uma religião. Ester foge para Berlim, (onde a série foi filmada), e passa a testar suas crenças, entendendo que ela pode ser tudo o que ela quiser ser. Isso é belo, apesar das impulsões do mundo.

Quer se libertar, pense em Esther. Todas as pessoas são por natureza livres, mas a confusão começa dentro de casa. Educar é uma coisa, to-her é outra. Não, ninguém que ser livre transitoriamente. Somos todos personagens em que a realidade não supera a ficção. Não cruze os braços. Saia. Conquiste.

Outro dia lembrei do mistério da porta entaipada do quarto 205, do conto *La puerta condenada*, de Cortázar (publicado em 1964), ou *A porta incommunicável: a ruptura do espaço*, na tradução para o português por Remy Gorga Filho, em 1971, um texto cruel no qual a verdade, realidade e mentira, se desdobram em quatro noites, onde a porta condenada se mantém como eixo das relações oscilantes do protagonista, para com uma realidade estranha, sem fim, aí lembrei da liberdade de Esther.

Kapetadas

- 1 - Cadê a Engov para patrocinar essas *lives*?
- 2 - No isolamento horizontal, todo mundo é igual.
- 3 - Som na caixa: "Lá vem a barca, Trazendo o povo, Pra liberdade. Que se conquista", Pedro Osmar.



Foto: Divulgação
Shira Haas é a jovem que vive na comunidade hassídica em 'Nada Ortodoxa'

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'O Poço': metáfora para uma reflexão

(À reflexão, hoje peço vênia aos habituais seguidores para publicar este belo e oportuno texto de minha filha, Alexandra C. Luna – OAB/PB)

Há alguns dias assisti a um filme demasiado perturbador...

Sua narrativa extremada, inquietante, nos faz refletir sobre muitas coisas sobre as quais nos acostumamos a simplesmente "deixar pra lá", mas que ultimamente a TV e os demais meios de comunicação não nos deixam "esquecer". A pandemia está instalada e nos atingindo a todos. Em alguns, seguramente, de maneira mais violenta e dolorosa, mas todos estamos no mesmo "poço".

Refletir, agora, sobre tudo aquilo que não demos atenção no nosso dia a dia até então, por ser "menos importante", tornou-se vital!

Em *O Poço* (*The Platform*, filme de Galder Gaztelu-Urrutia, com roteiro de David Desola e Pedro Rivero, Espanha, 2019), vislumbro claramente a ideia de *end of the world* de uma geração que sucumbe maciçamente, mais uma vez na história, a um vírus da morte... Lá, no "poço" idealizado pelos espanhóis Desola e Rivero, a sanidade do ser humano é colocada em xeque -mate, o desespero provocado pela fome culmina, quase que inevitavelmente, em flagelo físico, degradação e morte.

Como boa discípula que sou, muito mais do seu *modus vivendi*, diga-se de passagem, do que propriamente da sua *intelligentia* sobre arte (privilegio dele, meu pai, cineasta e crítico de cinema, Alex Santos) não desisti da obra, de acompanhar até o final a proposta do filme e, confesso, senti-me insatisfeita. *However...* Talvez, ou propositadamente, essa fora a intenção do diretor Gaztelu-Urrutia para nos obrigar a refletir.

Essa atual crise sanitária mundial nos obriga a ficar em casa para nos resguardarmos, evitar a disseminação do contágio e, de uma hora para outra, passamos a ver o mundo através das janelas das nossas residências e a pensar no que "é importante", em sobrevivência...



Foto: Divulgação

Ivan Massagué interpreta o personagem Goreng em 'O Poço', filme de Galder Gaztelu-Urrutia

Antonio Scurat, escritor italiano que reside em Milão, cidade assolada pelo Covid-19 há semanas, publicou recentemente notas das suas impressões sobre a pandemia. O "mote" é a sobrevivência, o que de fato é importante considerar nesses tempos...

Em realista e contundente descrição do que "vê pela janela", Scurat avalia a atual situação de uma Milão que (inacreditavelmente para ele) coleciona mortos aos milhares nas calçadas por onde, "até ontem", caminhavam pessoas preocupadas em exibir seu status de vida "na mais evoluída, rica e brilhante cidade de Itália".

Com o profundo dissabor e o incontestável desalento de quem, no auge da sua meia-idade, assim como tantos outros da sua geração, nunca suportaram na pele as mazelas da guerra nem doenças com tamanha capacidade de destruição humana, senão pelas impressões lidas nos livros de História, relata como o ir e vir dos milaneses se modificou... Como as prioridades e as reais necessidades dos seus conhecidos (sem saber ao certo quan-

tos ainda resistem) e dos demais residentes de Milão se modificaram.

Definitivamente, desdenhar "por não ter a marca preferida de farelo" nos mercados deixou de ser "importante". Ter pão para comer já é o suficiente e, mesmo assim, não é fácil consegui-lo! É preciso ir à linha de frente, praticar a apneia para não se contaminar pelo ar e, ainda por cima, esperar na fila...

Fica a reflexão... Muito pouco se pode fazer quando o inimigo se apresenta forte e implacável diante de nós. Seja na "realidade fictícia" de *O Poço* na qual a luta pela sobrevivência testa o ser humano fisiológica e psicologicamente ao limite, seja na "vida real", hoje e até que se descubra uma arma eficiente contra esse inimigo invisível, só nos cabe como defesa observar pela janela, esconder-nos como covardes considerando que qualquer ato de valentia e enfrentamento pode nos atingir sem que percebamos, e a nos levar a um fim que jamais imaginamos.

(Alexandra Cavalcanti Luna, inquieta sobrevivente dessa geração). – Mais "coisas de cinema", acesso o blog: www.alexantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Antes do fim do mundo!

Antes do fim do mundo, algumas coisas devo fazer!

Rever a minha terra e tocar com as mãos seu chão batido de poeira. Mirar ainda uma vez o mistério nunca revelado de suas pedras atormentadas. Visitar o silêncio de meus mortos que ainda povoam a minha vida e jogar rosas brancas e amarelas sobre a película do esquecimento. Orar pelos meus pais, que me deram a vida e uma infância com sabor de mata-pasto, cheiro de leite, corrida de cavalo, banho de açude, caça de passarinho e a feira de troca nos currais de boi de osso. Isto, sem contar com o júbilo das histórias de assombração nas noites frias dos magros invernos.

Antes do fim do mundo, algumas coisas devo fazer!

Prosear com os amigos na mesma mesa e no mesmo bar. Ouvir suas histórias iguais as minhas e brindarmos, como sempre fizemos, ao enigmático elemento da solidão compartilhada. Lembrar o gosto e o desgosto de ganhar e de perder na exigência rude de existir. Escutar aquela música que não acaba, pois toda feita com o vinagre da dor e com as espumas desorbitantes de uma instantânea felicidade. Trocar ideias, sim, e desenharmos, ainda movidos pelo giroscópio da utopia, a maquete de um mundo melhor. Um mundo em que o trabalho não venha sucumbir sob o capital, e a mais valia possa se transmutar na magia da saúde, da segurança, da moradia e da educação. Um mundo que não seja este, artificial, consumista e pós-humano. Um mundo que possa nos devolver o sagrado nutriente da humanidade que habita em cada um de nós.

Antes do fim do mundo, algumas coisas devo fazer!

Abençoar os filhos e mostrar-lhes que não tenho culpa de nada (ninguém tem culpa de nada!). Repetir que os amei acima de mim mesmo, certo de que os filhos são para sempre, assim como para sempre deve correr o sangue do amor que ninguém explica. Cada filho traz para o pai a cicatriz da eternidade, e disso não posso esquecer antes que o mundo acabe.

Antes do fim do mundo, algumas coisas devo fazer!

Ficar em silêncio perto da mulher amada. Acariar seus cabelos, afagar seu rosto e contar as histórias fabulosas de meu coração apaixonado. Falar-lhe da importância de seu amor por mim, mas lhe segregar, nos ouvidos, que a mim já me faz feliz simplesmente amá-la e saber que ela existe e respira o ar ancestral do nosso encontro cósmico. Há nos seus olhos de amêndoa uma alquimia translúcida que me dá o roteiro dos melhores poemas, das cartas que lhe escrevi e que se perderam na neblina do tempo. Se vivi tanto, tanto foi por esse amor que multiplica suas páginas antes que os dias findem, e o mundo se despedace pela fome invisível das viroses do mal.

Antes do fim do mundo, algumas coisas devo fazer!

Fechar-me na Biblioteca e frequentar, já que será pela última vez, a estante dos meus livros amados. Rer passagens sublinhadas da *Divina Comédia* e saborear o perfume da terza rima, sobretudo quando Dante toca o alaúde diabólico da sinfonia infernal de uma poesia maior. Divagar pelos versos de *As Flores do Mal*, captando a beleza do feio que se faz sublime na correspondência de sons e sentidos. Sentar à sombra do Tamarindo e dizer para mim mesmo, ensimesmado e sozinho, os versos apocalípticos e humanitários do *Eu*, enquanto a várzea do Rio Paraíba se estende, verde e viscosa, pelas margens do mundo, do fim do mundo. Este mesmo mundo que chora e agoniza. Voltar à Serra da Barriga e louvar Zumbi, e de lá fazer a última viagem pelos sonetos, décimas, quadras e elegias de *A Invenção de Orfeu*, como se ali estivesse a súpula das coisas poéticas, o selo germinal do delírio, do encanto e da fantasia.

Antes do fim do mundo, algumas coisas devo fazer!

Perquirir a pele do poema, do último poema, como o gesto supremo de uma ética que sempre me conduziu na vida. Pegar as palavras como plumas vazias e jogar, ao mundo que finda, a energia secreta que domina tudo, inclusive a lucidez desesperada desse poema que vai ficar por se fazer.

APC: Vida e obra de seu Patrono



Academia Paraibana de Cinema – Cadeira Nº 20, Patrono: CELSO FURTADO (Ocupante: Nêumanne Pinto). Paraibano, de Pombal, Celso Furtado participou de forma muito ativa da moderna história brasileira, atuando de forma incisiva nos setores de planejamento, economia e cultura. Foi o criador da Sudene, Ministro de Estado e membro da Academia Brasileira de Letras. Entre os livros clássicos que escreveu, destaca-se *Formação Econômica do Brasil*. Ainda jovem, teve contato com a cinematografia no Rio de Janeiro e na Europa, principalmente na França, com o crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes, quando era professor da Sorbonne. Sua vida e obra estão nos filmes: *O Longo Amanhecer*, de José Mariane, e *Celso após le miracle*, de Vânia Perazzo.

Oceanos 2020

Premiação bate recordes de obras inscritas, editoras e edições do autor

Oceanos - Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa divulgou os resultados da primeira etapa de seleção das obras concorrentes em 2020.

Concorrem 1.872 obras – um total de 400 livros a mais do que na anterior –, publicadas em 10 países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Letônia, Moçambique e Portugal, além da região administrativa chinesa Macau.

O número de editoras inscritas totaliza 450, o maior entre os anos anteriores do prêmio. Neste ano, as edições do próprio autor somam 162 livros, representando 8,6% do total das inscrições.

Participam do Oceanos 2020 escritores de 11 nacionalidades diferentes: Angola (11), Argentina (2), Áustria (1), Benin (1), Brasil (1.574), Cabo Verde (7),

Espanha (4), Moçambique (10), Peru (1), Portugal (156) e Uruguai (2), além de dois luso-angolanos e dois luso-brasileiros – todos escrevendo e publicando originalmente em língua portuguesa, principal critério do prêmio.

Entre as categorias avaliadas pelo júri do Oceanos, poesia – com 849 livros – corresponde a 45,4% das inscrições. Os romances somam 588 obras e representam 31,4% do total; os livros de contos – 289 inscrições – perfazem 15,4%, seguidos por 109 volumes de crônicas – 5,8% – e 37 obras de dramaturgia – 2%. Todos os livros concorrem entre si.

Apenas três livros foram editados em mais de um país: o livro de crônicas *O universo num grão de areia*, do moçambicano Mia Couto, publicado em Moçambique pela Fundação Fernando Leite Couto e em Portugal pela Caminho;

o romance *Torto Arado*, do brasileiro Itamar Vieira Júnior, publicado em Portugal pela Leya e no Brasil pela Todavia; e o livro de poemas *Um objeto cortante*, da brasileira Alexandra Maia, publicado em Portugal pela Gato Bravo e no Brasil pela Numa Editora.



Através do QR Code acima, acesse os selecionados para o Oceanos 2020



O árbitro Jair Pereira, os radialistas Adalberto Alves (Campina Grande) e Eudes Moacir Toscano (João Pessoa) e o dirigente botafoguense e historiador Raimundo Nóbrega relembram o tumultuado Estadual de 1985, não concluído

Há 35 anos, campeonato na Paraíba não teve campeão

Ações dos clubes no TJD por conta do confuso regulamento impediram a conclusão e até "Roque Santeiro" foi culpado

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

A cada semana, o número de casos de pessoas infectadas e mortas por causa do covid-19 aumenta na Paraíba. Apesar do crescimento da população atingida no Estado, dirigentes e torcedores sonham com a volta do Campeonato Paraibano, interrompido na oitava rodada do primeiro turno por causa da chegada do vírus na Paraíba.

O desejo de retorno dos estaduais é geral em todo o País, e a CBF já admite esta possibilidade. Os mais otimistas até apostam nesta volta, já a partir do próximo mês, nem que seja com jogos de portões fechados. Porém, os pessimistas torcem para a competição será encerrada, sem se conhecer o campeão de 2020, por falta de datas para realizá-la, e com o início do Campeonato Brasileiro sendo a prioridade.

Se o campeonato for encerrado, sem se conhecer o campeão, não será a primeira vez que isto acontecerá na Paraíba. Em 1985, a competição também não foi concluída, só que o motivo foi outro, uma verdadeira guerra de processos na Justiça Desportiva que paralisaram a competição mais de uma vez. Isso forçou a FPF encerrar o campeonato, antes do seu final.

O atual conselheiro do Botafogo, Raimundo Nóbrega, que na época já fazia parte da diretoria do clube, afirmou que a competição foi caracterizada pela desorganização e o título de-

// Foi um desastre com time protestando resultado, indo para um estádio e o adversário, para outro. Muita confusão na Justiça e até hoje não se sabe quem foi o campeão. //

veria ser dado ao time da Maravilha do Contorno.

"O Botafogo foi o clube que somou o maior número de pontos em toda a competição, superando os demais com larga vantagem de pontos. Até hoje, o Belo reivindica com justiça este título de 1985. A competição foi uma enorme bagunça, em virtude da desorganização que era a FPF na época, comandada por Juracy Pedro Gomes. Uma competição longa, terrível, com um regulamento que deixava muitas brechas para se recorrer a justiça", disse o dirigente do Botafogo.

Raimundo Nóbrega, para exemplificar a loucura que foi a competição cita uma afirmação do presidente da FPF, Juracy Pedro Gomes durante a competição. "Ele chegou a dizer em entrevista que o culpado da desmotivação, falta de público e desorganização do Campeonato Paraibano de 1985 era por causa da novela das 20 horas (Roque Santeiro), da Rede Globo. Na época isso virou motivo de muito folclore", completou Raimundo Nóbrega.

Um dos radialistas que acompanhou de perto o Paraibano de 1985 foi o

repórter Adalberto Alves, de Campina Grande. Ele confirma as palavras de Raimundo Nóbrega, quando diz que a competição foi desorganizada.

"Foi um desastre o campeonato com time protestando resultado, indo para um estádio e o adversário para outro. Muita confusão na Justiça Desportiva, clubes abandonando a competição, e até hoje não se sabe quem foi o campeão. Campinense, Treze e Botafogo reivindicam o título, mas a verdade é que ninguém tem esta taça de campeão de 85 porque nada foi homologado pela Federação Paraibana de Futebol", afirmou o experiente profissional, com mais de 40 anos de rádio.

Outro radialista que acompanhou de perto o Campeonato Paraibano de 1985 foi o locutor Eudes Moacir Toscano, da Rádio Tabajara de João Pessoa.

"Os fatos que ocorreram na competição aconteceram por falta de competência da FPF, principalmente aquele vexame da marcação do local do jogo entre o Treze e Auto Esporte. A FPF marcou para o Amigão e as autoridades de arbitragem foram para Presidente Vargas, a mando de quem? O Treze alegou que o jogo estava remarcado para o PV, e tudo foi parar nos tribunais. O trio de arbitragem não foi para o Amigão e deixou de cumprir uma determinação. Houve outros fatos desagradáveis, mas cito este como exemplo porque acabou gerando uma confusão tão grande, a ponto de alguns clubes abandonarem a compe-

tição e o campeonato ser encerrado.", afirmou.

O árbitro Jair Pereira, considerado na época o melhor do Estado, também trabalhou no Campeonato Paraibano de 1985, e disse que lamenta o que houve.

"Quando um campeonato é bom, ninguém fala

muito, mas quando a competição é ruim dá o que falar. Eu na época apitei apenas até o meio do campeonato, porque fui transferido para a Federação Pernambucana de Futebol. Lamento e ninguém nunca vai esquecer o que houve", concluiu o ex-árbitro.

Por causa das críticas feitas pelos entrevistados contra a Federação Paraibana de Futebol, tentamos conversar com o presidente da entidade na época, que era Juracy Pedro Gomes. Mas, infelizmente não obtivemos resposta, até a conclusão desta matéria.

+ Belo e Galo reivindicaram o título

O Campeonato Paraibano de 1985 contou com a participação dos seguintes clubes: Auto Esporte, Botafogo, Campinense, Esporte, Guarabira, Nacional de Patos, Treze, Nacional de Cabedelo, Santos e Santa Cruz. A competição foi dividida em 2 turnos, com duas fases. Na primeira, os times se enfrentavam entre si passando os 3 primeiros colocados para a segunda fase. Estava prevista a possibilidade de uma fase final com 4 times, mas a competição foi interrompida na segunda fase do segundo turno, com muita confusão.

No primeiro turno, o Campinense venceu o Treze por 2 a 1, o Galo protestou e acabou a Raposa perdendo os pontos da partida. O Rubro-negro, por sua vez, recorreu ao STJD e o campeonato teve a sua primeira paralisação.

Antes mesmo do resultado final na Justiça Desportiva, a FPF deu início ao segundo turno e aconteceu uma nova confusão. No jogo Treze e Auto

Esporte, o Galo alegou que a partida, que era prevista para o Amigão, tinha sido remarcada para o Estádio Presidente Vargas. O Auto Esporte foi para o Amigão e o Treze para o PV. O jogo acabou sendo remarcado para o PV, o Auto Esporte não aceitou e entrou na Justiça contestando a remarcação.

A competição ficou mais uma vez interrompida, enquanto não se soubesse o resultado do processo do Auto Esporte. No dia 28 de novembro, o Alvirrubro de João Pessoa soube que tinha perdido no tapetão, e resolveu abandonar o campeonato. Botafogo, Nacional de Patos e Santa Cruz foram solidários com o Clube do Povo e também desistiram da competição.

Após esta nova confusão, a competição foi finalmente encerrada. Treze e Botafogo ainda foram para a Justiça reivindicar o título da época, mas o Paraibano de 1985 terminou sem nenhum campeão.



A equipe do Botafogo fez a melhor campanha do Campeonato Paraibano, mas não foi declarada campeã

Práticas simples que ajudam a preservar o meio ambiente

Atitudes que podem ser adotadas no lar evitam impacto negativo no orçamento familiar e danos aos recursos naturais

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Na casa da estudante de Direito, Rebeca Bezerra, em Cabedelo, a palavra de ordem é “não ao desperdício”. Ela não sai de um cômodo sem antes desligar o ventilador, utiliza luz natural para iluminar a casa; reaproveita a água da máquina de lavar para aguar o gramado; e sempre cultiva um “cantinho” verde no lar, para manter contato com a natureza. As ações de Rebeca e de sua família mostram práticas simples, típicas de quem tem consciência ambiental. Essas atitudes trazem menos impacto para o orçamento da família e também para os recursos naturais. “Fazemos o que podemos dentro de nossa casa, e acho que é muito importante para o meio ambiente. Não podemos mudar o mundo, mas fazemos a nossa parte”, completou a estudante.

Ações sustentáveis como estas, mesmo parecendo pequenas, têm relevância para a natureza. O geógrafo Rogério dos Santos Ferreira, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirma que não se pode alcançar um planeta sustentável à vida sem a colaboração de cada habitante da Terra.

“Isto é um fato. E cada cidadão deve fazer sua parte. O mínimo que seja. Quando somadas estas ações, o benefício para o bem-estar humano é imediatamente visível. Seja pela própria economia ecológica de alguns recursos naturais, naquele dia, ou a cada dia”, ressaltou.

A Terra é a única morada dos seres humanos e as agressões ou desrespeito ao meio ambiente não têm repercussões localizadas, mas formam um efeito cascata. Rogério Ferreira cita como exemplos as chuvas na Amazônia, que

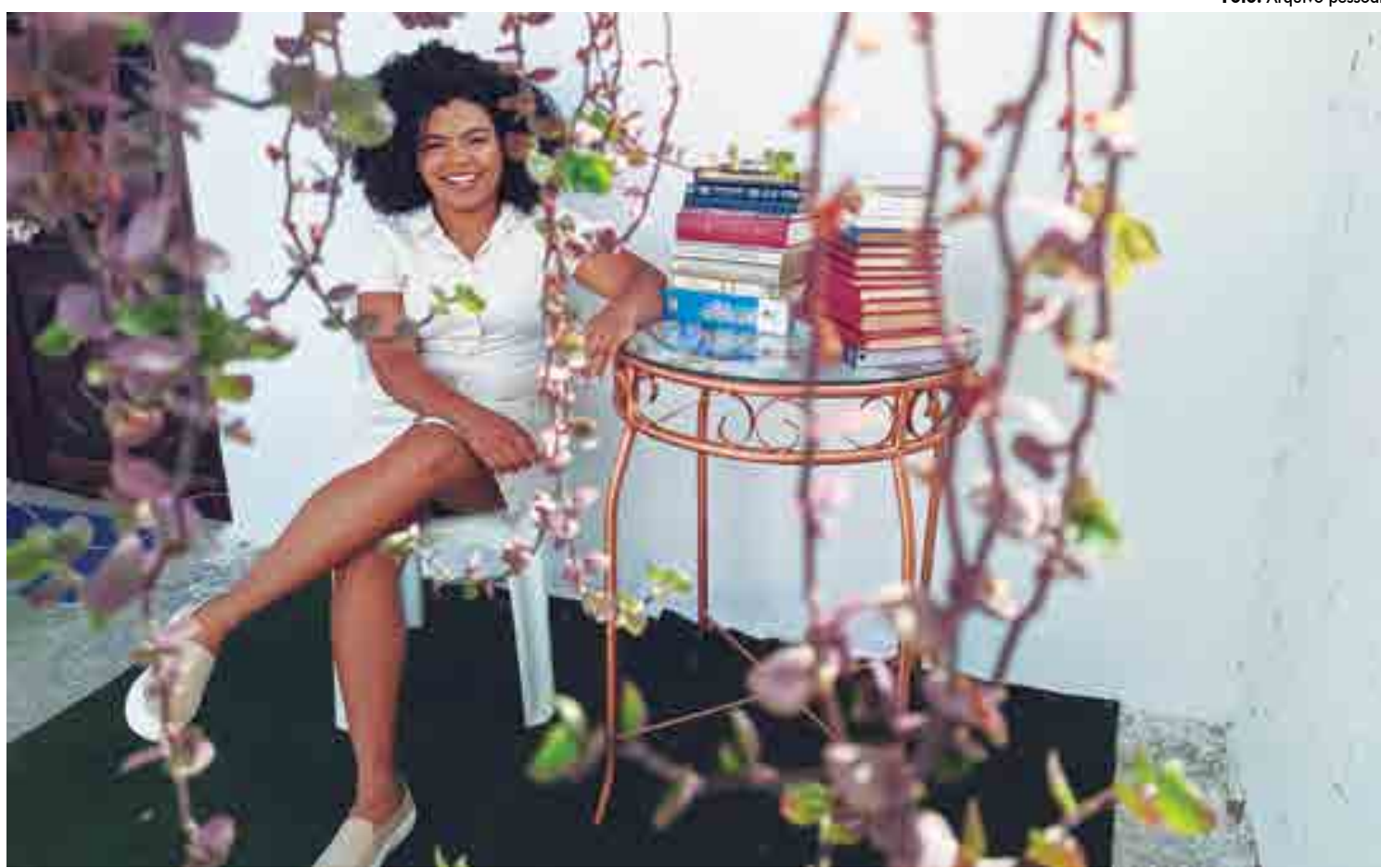
influenciam áreas a mais de três quilômetros, a poeira do deserto do Saara, no norte da África, que chega ao Brasil, o derretimento nas geleiras nos polos do planeta que causam inundações ou elevação de água em vários continentes.

Evitar o consumo em excesso, o desperdício de água, de energia elétrica, a poluição do solo, do ar, das matas, rios e oceanos, manter o respeito à fauna e à flora, são gestos que dependem, em grande parte, de atitudes da população. A gestão pública tem sua responsabilidade, mas são nos lares que estão cada família consumidora, moradora desse planeta.

“Meio ambiente saudável não é aquele que o poder público se preocupa em cuidar sozinho, mas sim aquele em que todos se preocupam, cobrando, inclusive dos gestores, a parte que lhes cabe ser pensada: os órgãos licenciadores, fiscalizadores e planejadores do meio ambiente constituídos”, destacou.

Espaço verde

Reservar um espaço com plantas em casa, florido, com verde, traz mais bem-estar ao homem e benefício ao meio ambiente. Principalmente quando a área é muito urbanizada, nem sempre é possível estar em contato com a natureza. Quem tem quintal, pode plantar uma árvore ou organizar um pomar. Hortas ou jardins podem ser feitos no alto dos edifícios, ou mesmo nas janelas e varandas dos apartamentos. “Isso permite melhorar o ar, a qualidade da paisagem, proporcionando ambientes propícios aos pássaros e outros animais”, declarou o geógrafo. Ele conta que há estudos que estimulam os cidadãos a implantarem as calçadas, telhados e jardins verdes, contribuindo para o chamado Corredor Ecológico Verde, previsto no Estatuto das Cidades.



A estudante de Direito Rebeca Bezerra, moradora de Cabedelo, cultiva com sua família um cantinho verde em casa para ter mais contato com a natureza

De olho no desperdício de água

Uma torneira gotejando desperdiça mais de 40 litros de água por dia. O alerta é da engenheira química e gerente de Controle de Qualidade e Tratamento de Água da Cagepa, Ana Carolina Lemos Sá. Esse é apenas um exemplo de como a menor falta de cuidado com problemas hidráulicos dentro de casa pode refletir em um dos recursos naturais mais importantes para a vida na Terra: a água.

Segundo Ana Carolina, o segundo maior vilão dentro de um lar é o chuveiro. Um banho de 15 minutos consome 243 litros de água. “Se você reduz esse banho para 5 minutos, abrindo a torneira somente na hora de se molhar e se enxaguar, é possível ter uma economia de até 162 litros”, acrescentou.

Outra ação que consome bastante água, e ocupa o terceiro lugar no ranking de consumo é o vaso sanitário. Os modelos mais antigos, que têm válvula e tempo de acionamento de 6 segundos, gastam de 10 a 14 litros de água por descarga. A dica da engenheira química é encher uma garrafa pet de 2 litros e colocá-la dentro da caixa da descarga. Com o peso da garrafa pet cheia, a caixa não vai encher até o limite máximo, resultando em economia.

Ana Carolina Sá destacou que é muito importante estar sempre atento ao uso da água por um motivo muito simples. Ela é fonte de vida e precisa ser preservada.

Continua na Página 14



Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Um discutível “padrão de qualidade”

Há um sistema filosófico que abraça a utilidade prática como critério de verdade. Como se todos fôssemos objetos d'utilidade pública. Identifica o último como o verdadeiro. Importando ou não que sejam pessoas anônimas. E o pragmatismo? Seria uma praga?

De repente, pode ou não pode o conceito de música popular brasileira sofrer por tagarelices pragmáticas?

Houve uma época de dias dançantes (acho que na metade dos anos 1980) em que o Rio de Janeiro, pegava fogo, como São Paulo, com coisas tipo “saturday night fever” e a Rede Globo sacudindo para todo o País cenas do filme em que John Travolta fascinou jovens platéias mil dançando com Karen Lynn Gorney.

Reforçando a descoberta da pintura pragmática em nossas tribos mutantes: por que a maior parte da crítica musical do Brasil tem excessiva preocupação em acusar ou defender o consolidado esquecendo de provocar o não consolidado, ou por ele perguntar na medida em que as gravadoras e as estações de rádio não o fazem emergir?

Por que não orienta em cima dos dados do novo compositor que nasce

velho? Por que não questiona e remexe com o domínio, a piratagem, o neocolonialismo das multinacionais?

E o pragmatismo de baixo nível dos que trabalham diretamente com as cúpulas das Universidades da vida? Onde a responsabilidade da crítica, do tal “jornalismo cultural”?

É preciso evitar o fanatismo pragmático que leva um jornalismo especializado a criar obsessões em nome de um discutível “padrão de qualidade”.



reedição completa da trilha sonora de “West Side Story” (na foto, cena com Natalie Wood), recorri aos meus arquivos, procurando (e ainda bem que encontrei) este claro e lúcido depoimento de Carlos Estevam à extinta revista “Visão”:

“Quando uma sociedade chega ao ponto de erigir o pragmatismo em virtude, essa sociedade não necessita mais pensar. Como bem definia Oliveira Vianna, a nossa é uma sociedade amorfa. Aqui, os setores em que tecnicamente se divide a classe média dominante estão praticamente fundidos. É por isso que as camadas novas dessa

classe são extremamente débeis, com pouco ou nenhum pensamento original”.

Esse depoimento foi em 1979. Alguma coisa mudou? É bom acabarmos a mania de contar os minutos. O tempo não tem nada a ver com as idéias do ar.

Na semana finda, antes de escutar a

Dias Gomes

A televisão serviu para popularizar o nome do saudoso Dias Gomes, com “Roque Santeiro” e “O bem amado”, principalmente. Mas, são obras menores quando comparadas com a perfeita produção que ele conseguiu em textos teatrais nas décadas de 1960 e 70, destacando-se “A invasão”, “A revolução dos beatos”, “O santo inquirido” e “O pagador de promessas”.

São textos que, além de enriquecer esteticamente a dramaturgia brasileira, numa fase que se resumia à verborragia de Nelson Rodrigues e ao classicismo de Jorge de Andrade, colaboraram para o crescimento da resistência à ditadura sem ser panfletários.

Dias Gomes tinha noções completas da carpintaria teatral. Dominava essa linguagem. Ele escrevia como se fosse o seu encena-

dor. Por isso, quando Anselmo Duarte decidiu transformar “O pagador de promessas” em filme, pediu ao próprio Dias que fizesse a adaptação cinematográfica. Deu no que deu. “O pagador de promessas” foi o único filme brasileiro a ganhar a Palma de Ouro, em Cannes. Aos que não são cinéfilos, informo que, para o mundo do cinema, Cannes é cem vezes mais importante que o Oscar.

Depois de “O pagador de promessas”, o momento talvez definitivo da dramaturgia de Dias Gomes foi o de “O santo inquirido”, sobre Branca Dias, a cristã-nova paraibana morta pela Inquisição.

Na tumultuada década de 1970, a história de Branca Dias foi transformada por Dias Gomes em alegoria contra todas as ditaduras de então.



Mudanças de hábito reduzem 10% do consumo de energia

Especialista dá dicas sobre algumas ações, como evitar equipamentos em modo 'stand by' ligados direto na tomada

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Se você é um daqueles consumidores que sempre abre e fecha várias vezes a geladeira sem necessidade, esquece as lâmpadas acesas, deixa a TV "falando sozinha", ou não costuma colocar encher a máquina de lavar na capacidade total, saiba que está desperdiçando dinheiro e também explorando demais os recursos naturais. Algumas mudanças de hábito em uma residência média, podem gerar uma redução no consumo que vai de 5% a 10% por mês.

O alerta é do engenheiro eletricista e professor da área de Eletrotécnica do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Walmeran José Trindade Júnior. Ele explica que para alcançar essa economia, também é preciso adotar ações de eficiência energética. Por exemplo, não vai adiantar muito você tomar o devido cuidado no uso da geladeira, se ela é muito antiga e a borracha da porta não estiver vedando direito. Aliás, esse eletrodoméstico é o vilão do gasto de energia em um lar.

Portanto, evite colocar alimentos quentes, abrir sem necessidade e não a deixe muito próxima à parede, a distância deve ser de mais ou menos de 10 cm.

"Muitas vezes é preferível comprar uma geladeira nova, porque os motores dos compressores das mais modernas são mais eficientes. A parte mecânica desses compressores, ao longo dos anos, vai ficando comprometida", explicou.

Substituir lâmpadas fluorescentes compacta pelas de led também traz ótimo resultado. Walmeran Trindade conta que para fazer a substituição a conta é simples. Pegase o valor da potência de uma lâmpada fluorescente compacta, divide por dois e compra a de led numa potência próxima a esse resultado. Ou seja, se eu tenho uma lâmpada fluorescente compacta de 15 Watts, a de led que vai substituí-la seria de 7,5 Watts, no comércio é possível encontrar de 7 Watts – cerca da metade da potência. Isso é importante porque a iluminação de uma residência média é o segundo item que mais impacta no consumo.

Outro hábito que muita gente tem é o de deixar os aparelhos eletrônicos como TVs, micro-ondas e carregadores de celular na tomada, mesmo quando não estão sendo usados. "Os equipamentos em stand by consomem energia, porque eles ficam no modo de espera. Em um dia o gasto é pouco, mas se eu projeto isso no ano já faz diferença. Estima-se que 5% da conta de energia elétrica vem do stand by".

O engenheiro eletricista ressaltou que essas ações, além de ser positivo ao bolso, também repercute positivamente no meio ambiente. "Embora a gente viva em uma espécie de artificialidade da energia elétrica, muitas vezes não se associa que ela vem da natureza, seja de uma represa, de uma termoelétrica que está consumindo combustível ou cana-de-açúcar. Então, quando eu tomo providências para reduzir o consumo, estou pressionando menos os ecossistemas de onde estou tirando energia elétrica, e colaborando para reduzir os impactos naturais que esse processo provoca", afirmou.

Foto: Arquivo pessoal



O engenheiro eletricista Walmeran alerta que é preciso poupar o ecossistema

Reciclagem do óleo de cozinha

Nessa época de quarentena, por causa do contágio do novo coronavírus, muitas pessoas estão cozinhando em casa. Os estabelecimentos que trabalham com delivery também estão com atividade intensa. Neste ponto é sempre importante lembrar o descarte correto do óleo de cozinha.

A coordenadora de Educação Ambiental da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Tácia Wanderley Cirilo, explica que quando lançados na natureza, esse produto traz desde a impermeabilização do solo, até a contaminação de corpos hídricos. "Além disso, a atmosfera acaba sendo poluída, porque a decomposição do óleo produz o gás metano (CH₄), que é um gás do efeito estufa, ou seja, é capaz de reter o calor do sol na troposfera, o que aumenta o problema do aquecimento global", frisou.

A camada de óleo sobre a água prejudica a entrada de luz e de gás oxigênio. Assim, os peixes passam a ter uma oferta menor de oxigênio disponível, o que pode causar a morte desses seres. A diminuição da incidência de luz no ambiente aquático ainda prejudica todos os processos fotoquímicos do ecossistema aquático. "O desenvolvimento do fitoplâncton, por exemplo, fica bastante comprometido. Vale lembrar que eles são a base da cadeia alimentar aquática".

A dica é guardar toda sobra de óleo de cozinha em recipientes com tampa e entregar aos postos de coleta. Alguns supermercados de grandes redes de João Pessoa recebem esse produto. Durante a reciclagem, os restos de óleo de cozinha podem se transformar em sabão.



Quanto menos carro circulando, melhor a qualidade do ar

Com o objetivo de melhorar a mobilidade urbana e reduzir a poluição atmosférica, o projeto de extensão Mobilidade Urbana - Ano III, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), disponibiliza aos professores, alunos e funcionários do Campus I o 'Carona Solidária', como é conhecido.

Com a iniciativa, cerca de 100 pessoas que foram inseridas em grupos de Whats Apps. Elas se articulam em diversos bairros de João Pessoa para se deslocarem

ao trabalho através de carona. "Com um maior número de pessoas dentro do carro, há redução no número de veículos circulando e menos gases poluentes na atmosfera. A cidade ainda ganha mais espaços livres", contou a professora Cláudia Ruberg, coordenadora do projeto.

Carona

A graduanda de Psicologia, Lanna Carolynna Vieira da Costa, de Intermarés, é uma das pessoas que participa do projeto e aprova a iniciativa. "Eu achei

muito importante o projeto, acho que ele tem uma potência para desafogar o tráfego. Se muitas pessoas aderissem a essa ideia, teríamos uma redução da superlotação do transporte público e, talvez, a redução da quantidade de carros na rua".

Benefícios

"Há mais de 20 anos liguei o carro". A afirmação é da antropóloga Fernanda Lucchesi, que morava em São Paulo e decidiu fugir do estresse do trânsito, vindo morar na Paraíba.

Ela reconhece que a ação traz outros benefícios.

"Reduz a poluição do meio ambiente, trouxe mais qualidade de vida e evitou o sedentarismo", destacou. Mas ser ciclista em João Pessoa não é fácil. "Conheço muita gente que gostaria de pedalar, mas não se sente motivada por causa da qualidade ou falta de ciclovia. Então, é preciso um planejamento público, que incentive essa prática".

Outra queixa que ela faz é com relação à carência de bicicletários ou paraciclos na capital.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Pandemia na quarentena

Quando minha única filha nasceu em Itabaiana, fiz um soneto e publiquei no meu jornal Alvorada. Um poema de amor é matéria defectível, debilitada tentativa de marcar a presença de uma criatura há muito esperada. Com filhos, a gente vislumbra alguma forma de transcendência no ato de contribuir para a formação de uma nova vida. Até permite aventuras literárias ordinárias, mas sinceras dentro da formação ideológica do jovem pai. Assim nasceu meu soneto para Etienne Mozart que passa bem, obrigado. Hoje é uma profissional de relações públicas, tendendo ao pensamento progressista e correspondendo ao último verso do soneto: "Verás que ninguém é senhor de ninguém".

Sim, meus versinhos sofrem de insuficiência literária, mas já tive poemas musicados por Beto Cajá, Orlando Otávio, Arnaud Neto, Rubens do Valle, Hugo Tavares

e Luiz Carlos Otávio. Como admirador do poeta e grande musicista Bebê de Natércio, meu sonho de consumo sempre foi o de ter um poema harmonizado por Bebê e sua inventiva cabeça de compositor. Descaradamente, ofereci a ele meu livro "Laranja romã", na vã expectativa de que o hábil poeta e cantador enfim tomaria a iniciativa de melodiar um poema do velho Fábio Mozart às suas ordens. Tem aquela conversa de que laranja madura na beira da estrada ta bichada ou tem marimbondo no pé. Minha laranja romã ofertada não cativou nem inspirou o mestre Bebê que tinha coisas mais importantes para fazer, vide seu novo trabalho "Sambas do poeta", uma obra prima do gênero.

Então veio a hecatombe. Um vírus oculito mandou todo mundo pra casa e parou a vida em comunidade na terra. Vimo-nos na situação de ter que nos reinventar em iso-

lamento, idealizar formas de passar o tempo, o enjoo e o cansaço da prisão domiciliar. Foi aí que aproveitei a anomalia e voltei a cobrar do Bebê: "poeta, aproveite as horas vagas e dê um trato no poema, vista de música meu discurso antes que o corona me leve para o cosmos". Dramatizei um pouco. E ele, na bucha: "mande um poema". Em 10 minutos Bebê remeteu para meu e-mail a composição em estado bruto.

Estou impedido de revelar o preço dessa parceria por força de cláusula contratual, mas adianto que admirar fortuna e prestígio para meu compadre Bebê de Natércio através da mediação da pitonisa Madame Preciosa. Madame prevê muitos anos de vida para Bebê, que ele enfim se conciliará com os crentes depois da grande calamidade, conforme o vaticínio de Raulzito: "No fim dos tempos, o bem e o mal andarão de braços dados sobre as cinzas da cidade".

SONETO À FILHA RECÉM NASCIDA (Para Etienne Mozart)

Filha também dessa neurastenia,
Parte de mim, um pobre combatente,
Verás, decerto, a mesma luz que um dia
Guiou teu pai em revolta latente.

Espero enormemente da criança
Que és, ver surgir mais um infante,
Da escuridão fazendo uma esperança,
Da fé comum uma lança cortante.

Sê forte, sê livre e será possível
Viver e lutar com dignidade,
Sonhar com a aurora, que o dia aí vem.
E quando surgir a luz inconfundível,
Mesmo relutante, da tal liberdade,
Verás que ninguém é senhor de ninguém.

UFPB desenvolve respirador pulmonar em tempo recorde

Aparelho foi projetado para oferecer uma opção de rápida produção e com custo menor diante da crise da Covid-19

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Sob constantes perseguições e ameaças, as universidades federais vêm fazendo a diferença no Brasil. Principalmente em tempos de pandemia. Apesar de serem acusados de fazer balbúrdia, os professores e estudantes lutam diariamente em busca de soluções que possam ajudar a vida do brasileiro. E foi justamente o que fizeram os componentes da Agência UFPB de Inovação Tecnológica (Inova-UFPB). Após um desafio lançado pelo diretor presidente da instituição, o professor doutor Petrónio Filgueiras de Athayde Filho, a equipe composta por Railson Ramos, Mario Ugulino, Válber Almeida, Tiago Maritan e Marcos Alves concluiu em 48 horas o desenvolvimento de um ventilador pulmonar inúmeras vezes mais barato do que os que estão sendo comercializados no mercado.

“O projeto de ventilador pulmonar foi uma proposta de iniciativa do professor Petrónio Ataíde, presidente da Agência de Inovação-UFPB. O professor Petrónio sugeriu ao professor Mário Ugulino (Departamento de Química-UFPB), que é chefe o Laboratório de Automação e Instrumentação em Química Analítica e Quimiometria (LAQA-UFPB), que nossa equipe trabalhasse no desenvolvimento de um ventilador pulmonar, em função da atual demanda por este instrumento. Neste momento, o professor Mário me apresentou este desafio e, em home office, iniciei o desenvolvimento do sistema de automação e controle deste instrumento”, explicou o doutorando em Química pela Universidade Federal da Paraíba, Railson de Oliveira Ramos.

De acordo com o professor Petrónio, a parte mecânica do produto, ou seja, apenas o ventilador pulmonar, gira em torno de R\$ 400. Porém, o equipamento completo deve custar aproximadamente R\$ 3 mil, o que representa pelo menos 5% do valor dos respiradores comercializados atualmente, que custam a partir de R\$ 60 mil. Porém, o valor pode ser ainda menor.

“Isto é preço (R\$ 3 mil) de em escala de bancada, de laboratório. A gente sabe que um equipamento em linha de produção, o seu valor pode cair em até 50%. Nós acreditamos que vai ficar bem conta”, explicou.

“Muita gente vai morrer por falta deste tipo de equipamento. A universidade é um órgão público federal. É do povo, e se é do povo, tem que ser em benefício da sociedade.”

Professor doutor Petrónio Filgueiras de Athayde Filho

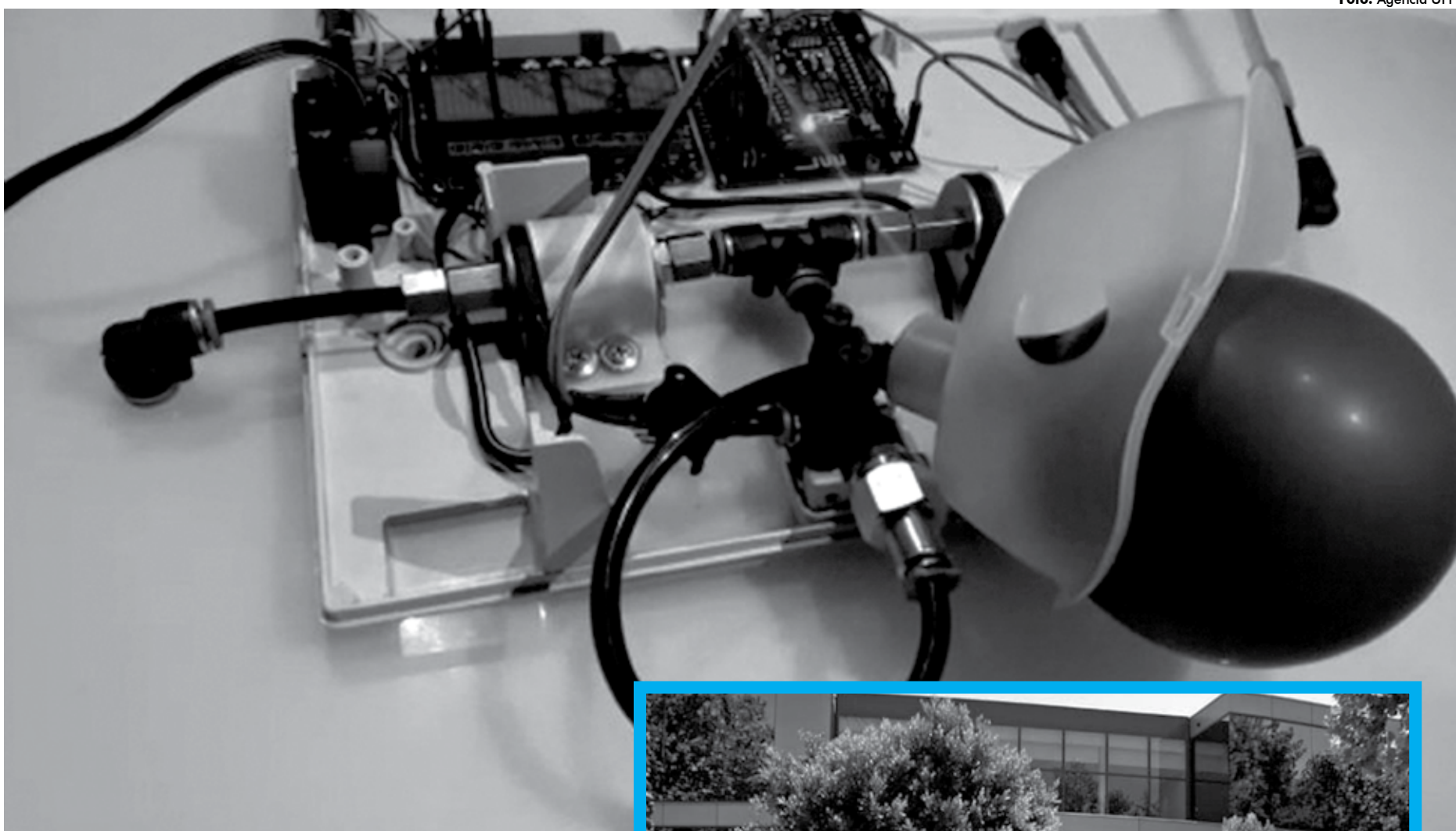


Foto: Agência UFPB

O ventilador pulmonar foi desenvolvido pela Agência Inova-UFPB, após desafio lançado pelo professor doutor Petrónio Athayde. A equipe formada por cinco pesquisadores, trabalhando em home office, concluiu o projeto em 48 horas. O objetivo é disponibilizar um modelo barato e de qualidade para que seja produzido e ajude a suprir a demanda por este tipo de equipamento que pode salvar vidas durante a pandemia provocada pelo novo coronavírus



Finalizado para produção em maio com peças fabricadas em 3D

O trabalho do grupo vem em boa hora, visto que uma das grandes preocupações causadas pelo novo coronavírus é justamente a falta destes respiradores, o que pode causar a morte de milhares de pessoas. Porém, a expectativa é que o produto desenvolvido na Paraíba só comece a entrar em linha de produção no início de maio, já que ainda há outras etapas necessárias.

“Para ser produzido, o produto tem que estar aferido e certificado. Só então ele vai para o mercado. Esta certificação será feita pela Universidade Federal da Paraíba. O produto precisa atender a uma série de normas técnicas para que tenha

funcionamento igual a de um respirador. Acredito que em 15 dias já teremos esta certificação”, disse Petrónio.

Railson explica o porquê de o equipamento ser tão mais barato do que o produzido pelo mercado. Além disso, este respirador traz inovações tecnológicas, que podem auxiliar os profissionais de saúde.

“O equipamento foi projetado com componentes disponíveis no mercado nacional, o que dispensa custos e tempo de importação. É facilmente replicável e, com a maioria das peças fabricadas por impressão 3D, dispensa a utilização de maquinário na linha de montagem. Um grande diferencial

frente aos equipamentos de ventilação permanente disponíveis no mercado é que, no modo operante deste instrumento, os sinais monitorados via display touchscreen também são enviados para uma central de monitoramento virtual, cujos dados podem ser acessados por dispositivos móveis (tablets, smartphones, notebooks) via um aplicativo que desenvolvido especificamente para este fim (a segurança é garantida por comunicação criptografada, senhas de acesso e histórico de atividade do operador)”, disse.

Ele completou: “O sistema de conectividade permite que um ou mais ventiladores sejam operados e monitorados

remotamente e em tempo real, possibilitando que a equipe de saúde possa acompanhar os parâmetros dos pacientes e realizem algumas operações simples (Ex: ajuste de alguns parâmetros básicos). Além disso, o equipamento está sendo equipado para realizar medidas de temperatura, oximetria, aferição de pressão arterial, monitoramento de batimento cardíaco e, ainda, pode registrar eletrocardiograma. Este conjunto de novos recursos irá promover a otimização do tempo e redução de esforço e da exposição da equipe médica aos ambientes insalubres de unidades de terapia intensiva”

Aparelho é montado e fica pronto para uso em 60 segundos

Sobre o prazo final para deixar tudo pronto, Railson disse que ainda não uma data específica, mas afirmou que a equipe vem se doando ao máximo, “Ainda estamos trabalhando muito no projeto e sob as condições limitadas do home office. Ainda não temos uma data para entrega do protótipo final, mas esperamos que, em breve, possamos apresentar a versão completa que será testada por uma equipe de profissionais da

saúde com expertise no assunto”, disse.

O equipamento também é de rápida montagem e programação, sendo possível concluir a montagem e deixá-lo plenamente operável em 60 segundos. Outro detalhe é que ele não é um respirador de emergência, podendo ser usado indefinidamente; ou seja, um substituto aos convencionais comercializados atualmente.

Como dito anteriormente, a

equipe de pesquisadores e servidores da UFPB é responsável pelo pedido de patente, mas não pela fabricação, que deverá ser feita por empresa com autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e o aparelho ainda precisa passar por testes pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro). Nesses últimos casos, acredita-se que em face da urgência as tramitações burocráticas e testes sejam

aceleradas. Os interessados em produzir o respirador, precisam entrar em contato com a Inova-UFPB por meio do e-mail: inova@reitoria.ufpb.br.

O projeto tem licença aberta para quem deseja produzi-lo. De acordo com o professor Petrónio, o mais urgente agora é evitar que mais pessoas morram por falta dos equipamentos. Sobre como vai ser a comercialização pós-produção, o professor não soube adiantar.



Foto: Givaldo Cavalcanti - Codecom - UEPB

Seguidas diminuições dos financiamentos para desenvolver a ciência e a tecnologia e a falta de perspectivas futuras fazem com que muitos jovens pesquisadores procurem prosseguir seus projetos em outros países

Ciência no Brasil mendiga para manter financiamento

Governo Federal cortou drasticamente recursos destinados à pesquisa e à tecnologia nos últimos anos

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Quando especulava-se a saída de Luiz Henrique Mandetta do Ministério da Saúde no início deste mês, em um de seus pronunciamentos ele comparou o Brasil a um paciente. Tomando essa metáfora, se há um órgão desse paciente chamado Brasil que está gravemente enfermo é a ciência, a pesquisa e o desenvolvimento. Sofrendo historicamente com baixos investimentos, nesse ano o empenho dos pesquisadores por meio das associações e outras organizações, tem sido para que não haja ainda

mais cortes. “Estamos lutando para que não seja retirado o que ainda temos”, afirmou o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Ildeu de Castro.

Doutor em Física e um grande divulgador da ciência, as preocupações de Ildeu de Castro se voltam para a melhoria das condições de fazer pesquisa científica no Brasil e promover o desenvolvimento. A dedicação o tem levado com mais frequência para Brasília, onde a tinta da caneta que determina os cortes dos recursos tem sido gasta:

“Nesses últimos anos estamos presentes no Congresso Nacional constantemente

lutando por um orçamento, e não é nem para aumentar, é para não diminuir. Diminuí drasticamente nos últimos anos fazendo com que laboratórios parassem, que jovens saíssem do Brasil e fossem para o exterior, diminuam a intensidade de pesquisas”, afirmou Ildeu de Castro.

Hoje existe no Congresso Nacional uma Medida Provisória (MPV) para abrir um crédito extraordinário solicitando R\$ 100 milhões em recursos para o enfrentamento ao novo coronavírus por meio da pesquisa científica e tecnológica. “É preciso cinco vezes mais, pelo menos”, afirma o presidente da SBPC.

A MPV em questão, (Nº 929, de 25/03/2020), é em favor dos Ministérios da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), das Relações Exteriores (MRE), da Defesa (MD) e da Cidadania (MCID), no valor total de pouco mais de R\$ 3,4 bilhões: ao MRE está destinado r\$ 62 milhões; ao MD, R\$ 220 milhões; ao MCID, R\$ 3,03 bilhões. O MCTIC, R\$ 100 milhões.

Os bilhões ao Ministério da Cidadania serão usados para “a ampliação do número de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família”. O MRE, para assistir pessoas no exterior que estão impedidas de retornar. O MD, para

segurança e apoio logístico. As justificativas são nobres e convergem para o combate à pandemia causada pelo novo coronavírus. O problema é que os recursos para o MCTIC sairão do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) que são de R\$ 4,5 bilhões, cujos 80% estão congelados pelo Governo Federal; recebe investimentos do setor privado para o financiamento de projetos de desenvolvimento tecnológico. A ciência e tecnologia poderia ter um recurso muito maior.

“O Fundo (FNDCT) ia ser extinto no ano passado, por uma proposta do Ministério da Economia e conseguimos

reverter isso no Senado, dois meses antes dessa pandemia estourar. Havia uma proposta dentro do Congresso Nacional acabando com o principal fundo de recursos para a ciência e tecnologia do País. E os recursos desse Fundo vêm de setores empresariais, nem é do governo”, esclarece Ildeu de Castro. “Os recursos ganham outras destinações, mas não para a ciência e tecnologia, como deveria ser por lei. E nesse momento que se diz haver uma sensibilidade geral pelo fato de que a ciência é importante, o próprio Congresso Nacional, o próprio governo, não fazem acontecer”.

Pandemia não evita desvalorização

Embora uma pandemia esteja ocorrendo e seja evidente a importância da ciência para o combate à Covid-19, Ildeu de Castro observa que a valorização da ciência é relativa e ainda há o desrespeito quanto às orientações dos organismos de saúde:

“A valorização recente da ciência por causa da pandemia, é relativa. Alguns setores ainda não respeitam as orientações vindas dos organismos internacionais de saúde, às vezes vemos discursos contrários às recomendações; uma parcela da população não vê a importância da ciência. Deveria ser muito maior porque ela é importante para a sobrevivência – inclusive física – das pessoas, para a economia”, ressalta.

Foto: Câmara dos Deputados

Presidente da SBPC frisa que pesquisadores brasileiros, mesmo com poucos recursos, estão dando respostas rápidas à pandemia

O presidente da SBPC afirma que cientistas brasileiros estão apresentando respostas rápidas para a sociedade com relação ao novo coronavírus, apesar dos cortes orçamentários, com dificuldades de infraestrutura, falta de insumos, ausência de bolsas de auxílio:

“Nesse momento, muitos estudantes e pesquisadores em universidades estão trabalhando intensamente nesse enfrentamento. Cada universidade no Brasil tem feito, desde a produção de material, novos equipamentos, pesquisas para verificar o contágio, produção de testes, análise do código genético, a perspectiva de fazer uma vacina... Lamentamos porque se tivéssemos uma infraestrutura mais adequada, e uma percepção social maior poderíamos fazer muito mais”.



+ País tem potencial para inovação

A falta de investimentos reflete no desempenho do Brasil em relação às outras nações do Planeta. O Brasil está em 68º lugar no mundo em termos de inovação (em 2016 estava em 64º). Faltam condições, mecanismos, para que pelo menos uma parcela das criações oriundas de pesquisas se transforme em produtos.

“É preciso ter um projeto de país que coloque à frente as vantagens que temos. Por exemplo, temos a maior biodiversidade do mundo; se bem estudada e explorada dentro da perspectiva de desenvolvimento sustentável, pode ser um fonte imensa de recurso para o país mantendo-se a preservação e não derrubando árvores para criar gado”, argumenta Ildeu de Castro e continua:

“Vemos nosso potencial no uso

Foto: Jardel Rodrigues-SBPC



Ildeu diz que País precisa crescer em várias áreas

da tecnologia na agroindústria, na exploração do petróleo em águas profundas, mas temos que buscar desenvolvimento em outras áreas, na mineração, energia, biodiversidade. Mesmo a agricultura tem que ser modernizada e preservar as outras potencialidades de riqueza que há no Brasil como a Amazônia. A agricultura pode ter produtividade maior com mais ciência, a tecnologia . O termo agricultura sustentável vai ser importante no futuro. Nos próximos anos será mais importante, para alimentar essa massa imensa com bilhões de pessoas”.

Outro setor que pode ser explorado no Brasil é o turismo, embora não seja o momento ideal para essa abordagem, como colocou Ildeu de Castro, “o Brasil recebe uma quantidade menor de turistas por ano do que Portugal e o Brasil tem mais regiões com belezas naturais com potencial grande para receber turistas do mundo inteiro”.

Mas nada poderá avançar sem os investimentos necessários, pois “é fundamental capacitar pessoas para isso, qualquer avanço científico, tecnológico requer formação qualificada; melhorar a educação em todos os níveis do Brasil é também um desafio importante”, encerra Ildeu de Castro.



Foto: Arquivo

Zorobabé: o índio potiguara que lutou contra Palmares

Paraibano ficou conhecido por comandar expedição que recebeu ordens de Portugal para atacar o maior quilombo do Brasil

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Hoje é dia 19 de abril, Dia do Índio. Para lembrar a data, vamos contar a história de um índio paraibano natural da Serra da Cupaóba*, o famoso Zorobabé, que se destacou na história da Paraíba por ser temido entre os portugueses, de quem era aliado. A casa Real Portuguesa o batizou com o nome cristão de Dom Diogo de Menezes, irmão também do Cacique Pau Seco, ambos líderes de cerca de cinco mil arcos destros, assim informa o historiador Simão de Vasconcelos.

Zorobabé, bravo e inteligente, se impôs militarmente em 1603, quatro anos após ser assinada a paz entre potiguaras e portugueses, no governo de Frutuoso Barbosa. Tudo isto aconteceu há 417 anos. Diz Horácio de Almeida que os Aymorés da Bahia, nesta data ameaçaram invadir Salvador e matar toda a população de colonos da primeira capital do Brasil. Os mandatários lusos ficaram temerosos, porque, seis meses antes, esses índios haviam atacado Ilhéus e Porto Seguro, matando gente e deixando ruínas.

O Governo Geral determinou uma expedição punitiva contra os Aymorés, fazendo embarcar, em 15 de março de 1603, 1.300 índios da Paraíba e do Rio Grande do Norte em Olinda, para a contenda contra os selvagens baianos. Zorobabé comandava 800 arcos destros, aí incluídos 300 batedores e mateiros, segundo os testemunhos de Frei Vicente, Southey e Varnhagen. Os potiguaras só concordaram em lutar se fosse determinado que voltariam para casa ao fim da luta.

A luta contra os Aymorés não aconteceu. Donos de engenhos e lavouras queriam escravizar os potiguaras guerreiros e Zorobabé sentiu no ar o perigo que corria seu povo. Dividiram até os potiguaras em dois grupos, para enfraquecê-los. Zorobabé bateu mão nas armas e disse que preferia morrer lutando com dignidade a se tornar escravo. Diogo Botelho, Governador Geral, intercedeu em favor dos potiguaras e consentiu na volta deles, com uma condição: iriam a pé, pelos caminhos de Palmares do Itapecuru e, de passagem, destruiriam o nascente Quilombo de Palmares.

O cacique Zoroabé, com carta branca da Coroa para aprisionar quilombolas e até vendê-los, cumpriu esta tarefa a seu modo: com valentia, violência e uma tática de guerra que assombrou os habitantes de Aquilaquetuche, o maior povoado de Palmares. Mais tarde, este quilombo renasceu com mais força. Com a venda dos prisioneiros, ele comprou um cavalo, um tambor, um manto e uma espada e marchou à frente dos seus, como um rei que voltava vitorioso de uma guerra. Perto de chegar ao Inhonbim**, mandou recado para a indiada esperá-lo e prestar-lhe homenagens.

Zorobabé comandava oitocentos arcos destros, aí incluídos 300 batedores e mateiros, segundo os testemunhos de Frei Vicente, Southey e Varnhagen. Os potiguaras só concordaram em lutar, se fosse determinado que voltariam para casa, logo que a luta terminasse

+ Piragibe se recusou a tomar parte no confronto

Os historiadores dizem que, nesta época, morava no Inhonbim outro índio bravo, Piragibe, já com mais de 100 anos de existência. Ao saber do recado, ele respondeu:

“Só deixo minha taba e minha rede para enfrentar quem me faz a guerra ou cumprimentar as damas. Como Zorobabé não é dama nem veio me fazer guerra, daqui eu não arredo!” E não foi.

Piragibe, o valoroso chefe tabajara, nunca se beijou com os potiguaras, apesar de pertencerem à mesma raça tupi. Estava aqui há 15 anos e vivia em paz, na sua reserva, com suas mu-

lheres e filhos. Zorobabé fingiu não ter ouvido nada. Os anos passaram e o prestígio de Zorobabé crescia entre os potiguaras. Os chefes da Coroa Portuguesa-



Fotos: Reprodução Internet

“Só deixo minha taba e minha rede para enfrentar quem me faz a guerra ou cumprimentar as damas”, anunciou Piragibe

sa viam isso com maus olhos. Ao mudar-se da Cupaóba, junto com Pau Seco, para o Inhonbim, a guarnição portuguesa ficou com as orelhas em pé.

Depois da paz firmada com

os portugueses, em 1599, Milho Verde, cacique de etnia indígena também tupi, assassinou Pau Seco. O irmão da vítima, Zorobabé, não gostou e deixou transparecer que faria um levante. Zorobabé ficou sob vigia. Anos depois, já em 1608, para abrandar as coisas o rei de Portugal, Felipe II, concedeu-lhe uma terça de 400 reais de soldo. O problema é que Zorobabé bebia muito cauim e vinho e, quando embriagado, promovia desordens. A indiada o obedecia cegamente.

Foi decidida a prisão de Zorobabé, logo enviado para o verdugo Alexandre Moura, Capitão-Mor de Pernambuco, conhecido por não tolerar índios e negros. Frei Vicente diz que colocaram veneno na água e no vinho do índio, mas ele só bebia a própria urina, com medo de morrer. A Corte Portuguesa condenou-o a cumprir pena junto com a mulher e os filhos na prisão de Évora, em Portugal, de onde nunca mais voltou.

Historiadores ainda divergem sobre o nome

Há quem escreva o nome de Zorobabé como Sorobabé ou Zorobabel, personagem bíblico, que, em língua mesopotâmica, significa “grande confusão”. A maioria dos autores de histórias sobre a Paraíba grafa Zorobabé. O Etmo indígena, ao que parece, deve ser Cerobabé ou Jurubabu, como diz Cândido Mendes, em Memórias do Maranhão. Outros autores divergem do significado em português desse estrambótico nome.

Vernhagen, em Os Holandeses no Brasil, diz que o nome do indígena herói seria Seroueué, advertindo que o u vogal, em tupi representa o v, como acontece na ortografia antiga. O paraibano Horácio de Almeida quer que o verdadeiro nome de Zorobabé seja escrito Ararambé, um tipo de cobra verde, muito venenosa, que vive no alto das árvores.

■ (*) Cupaóba

Região hoje formada pelos municípios paraibanos de Serra da Raiz, Duas Estradas e Caiçara, na área do rio Curimataú, a uma distância média de 100 Km de João Pessoa.

■ (**) Inhonbim

Área que hoje é formada por Livramento e Forte Velho, distrito de Santa Rita, e uma parte do Território de Lucena, a 63 Km da Capital. Piragibe, apesar de ser da etnia tabajara, também passou a morar lá, na sua velhice.



A madrugada silenciosa escondeu Goretti Zenaide

Jose Nunes jnunes4@gmail.com

A madrugada silenciosa de 31 de julho de 2017 carregou Goretti Zenaide para a eternidade, deixando vazias as manhãs que eram preenchidas com a leitura de sua página no jornal, sobretudo em A União, onde estava na época. Sua coluna nos jornais e revistas era página recheada de assuntos variados, acontecimentos da sociedade e temas afins, com os quais ajudou na construção da história de uma época da vida da cidade de João Pessoa.

Eram cinco horas da manhã quando Maria Goretti Guerra Zenaide morreu vítima de câncer. Estava em sua residência, no Bairro do Bessa, e no entardecer do mesmo dia foi cremada no Caminho da Paz.

Internada no Hospital Napoleão Laureano, ali permaneceria em tratamento médico durante sete dias. Recebeu alta e, estando em casa, passou o final de semana com a família. Com um novo surto de dores, teve atendimento de urgência, mas cinquenta minutos depois não resistiu.

No mês de maio de 2017 fora diagnosticado um tumor maligno no pulmão, com metástase nos ossos e em outras partes do corpo, em estado bastante avançado. Tentou-se tratamento com quimioterapia e medicamentos específicos, mas nada surtia os resultados desejados.

Os familiares estavam conscientes da gravidade da doença. Os próprios médicos que a diagnosticaram sinalizavam que ela não teria muito tempo de vida, em face do avanço da doença, motivado pela a descoberta tardia.

Um perfil inacabado

Desde a infância, Goretti Zenaide tinha fascínio por estar perto de seus familiares e de pessoas que necessitavam de afeto. Ela teve vida familiar alegre. Seus familiares testemunham que foi uma criança feliz e uma adolescente amada. Teve o início de vida que se possa imaginar para uma pessoa com infância na paisagem dos canais, no casario de cores vivas, na sonoridade do vento, no pôr-do-sol como se estivesse tão perto ou no

ribombo do trovão cortando as cercanias que silenciava Alagoa Grande.

Quando morreu, Goretti Zenaide estava com 67 anos, tinha dois filhos, Mário Zenaide e Hermano Zenaide, e uma filha adotiva, Paula Farias. Era filha de Hermano Nóbrega Zenaide e Cinira Guerra Zenaide, casal que tinha três irmãos: Hermano Zenaide Filho, Cláudio Guerra Filho e Lúcia Padilha.

O lugar onde nasceu inspira poesia e encanto, com o rio de água cristalina que mansamente, em tempo de inverno, corre entre as serras cobertas de canaviais, transformando tudo em verde. A cidade de sua infância ainda guarda a paisagem dos tempos do apogeu dos engenhos e fazendas de café de seus avós e pais e de outros senhores que ajudaram na construção do progresso econômico e social do Brejo, também se destacando na vida política.

O patrimônio familiar, cultural e literário em cada esquina da cidade se deparava com alguma marca do passado profícuo, através de seus casarões, ruas enlaidradas e sinuosas, monumentos históricos, ainda retratando fielmente o que foi Alagoa Grande do seu tempo de menina de engenheiro. A cana-de-açúcar da melhor estirpe, adaptada em região de terra de massapê, favorecida pelo clima, possibilitava um produto sem similar na região. Foi o motivo da bonança de muitos, inclusive de seus avós.

Os antecedentes familiares de Goretti tinham raízes em homens ligados à agropecuária no Agreste e no Cariri paraibanos, onde possuíam fazendas de criação de gado e engenhos para a produção de açúcar, rapadura e aguardente. O bisavô Apolônio Zenaide foi chefe político em Alagoa Grande, deputado estadual, deputado federal e senador, sempre com destacada atuação.

No ramo de sua família estão, também, homens ligados às letras e às artes, a exemplo do seu avô Heretiano Zenaide Nóbrega de Albuquerque, que escreveu importante estudo sobre aves da Paraíba. Atendendo a recomendação do pai, Heretiano estudou Direito, depois ingressando na política. Começou por vereador, chegou a ser prefeito de Alagoa Grande, depois deputado estadual e deputado federal, assim coroando sua vida de homem público íntegro.



Religiosidade estava presente na sua vida



Se houve concessões de terras a Domingos da Rocha e Isidro Pereira Jardim ainda na metade do século XVIII, foi somente por volta de 1850 que a região começou a ganhar feição de povoado. Seria distrito em 1861, então pertencente a Areia, quando se deu início à construção da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem. Estabelecida como vila em 1865, foi elevada à categoria de cidade em 1908, com o nome de Alagoa Grande. A cidade ainda preservava aspectos coloniais, apesar das insistentes mudanças na estrutura arquitetônica de suas residências.

Goretti cresceu respirando a brisa suave do Brejo, participando da vida cultural da cidade que se orgulha do seu Teatro Santa Ignéz. Assistindo aos espetáculos ali apresentados, tomou gosto pela cultura e pelas artes.

A religiosidade foi outro aspecto presente na sua vida. Filha de pais católicos, cedo iniciou a frequentar a Igreja, hábito que se repetiria na adolescência, quando passou a residir na Capital do Estado. Começou por estudar no Colégio das Lourdinhas, indo com assiduidade às missas, prática que manteve por toda a vida. Daí ter absorvido os gestos caritativos herdados deste olhar para



As escolas onde aprendeu a sua profissão. À esquerda o Liceu Paraibano. Acima a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos

os ensinamentos da Igreja, sob orientação dos familiares.

Além das Lourdinhas, estudou no Lyceu Paraibano, em João Pessoa (PB). Atenta ao aprendizado, se dedicava à leitura e aos movimentos culturais nas escolas que frequentou. Quando adulta, se tornou agente incentivadora e participante ativa da agenda cultural na cidade de João Pessoa. Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde viveu durante quinze anos. Naquela cidade, iniciou sua atividade profissional, primeiramente atuando na área de publicidade.

No ano de 1981, permanecendo no Rio de Janeiro, ali começou a trabalhar, inicialmente na antiga Fename (hoje Fundo de Financiamento ao FAE) do Ministério da Educação, em seguida na Pronil Construtora. Ainda no Rio, criou, com mais dois sócios, uma gravadora de música, a Musiquim, realizando trabalhos com músicos como Manoel da Conceição, Nelson Sargento e Danilo Caymmi.

Vindo morar em João Pessoa, também estudou Design de Moda pelo Unipê, já em idade madura, depois de realizada nas atividades que abraçou.

Avô participou da Assembleia Constituinte de 1934

Este trabalho de pesquisa do avô dela originou-se partir de suas anotações, cuidadosamente trabalhadas durante vários anos e que estão no livro "História do Sertão de Paó", do jornalista Hélio Zenaide. Lembra Hélio que Heretiano era colaborador da imprensa, sempre abordando temas ligados à agricultura, pecuária, botânica, zoologia, geologia e, de modo particular, a história. Seu nome consta com o merecido destaque no "Dicionário dos Naturalistas Brasileiros". Sua obra foi estudada em congressos brasileiros de Ornitologia.

Afora essa dedicação às pesquisas, seu avô participou da Assembleia Nacional Constituinte, eleito nas eleições de outubro de 1934. Como parlamentar, ainda nesta legislatura, foi defensor do ensino primário obrigatório e gratuito nas escolas da rede pública de ensino do país.

Em face dos incidentes políticos de 1930, na Paraíba, após o assassinato de presidente João Pessoa, seu avô ficou ao lado de José Américo de Almeida

Em face dos incidentes políticos de 1930, na Paraíba, após o assassinato de presidente João Pessoa, seu avô ficou ao lado de José Américo de Almeida

chamado Estado Novo. Quando Goretti Zenaide nasceu, Alagoa Grande estava no auge da agricultura canavieira e de fazendas produtoras de café, com uma pecuária que se consolidava. O comércio dava sinais de apogeu, mas seu grande desaque estava na cultura e na presença política no cenário estadual, com desdobramento em nível nacional.

A presença da força de sua gente começou a se consolidar ainda em início do século XVIII, quando se identificaram as terras denominadas de "Sertão do Paó", lugar onde teriam habitado indígenas Cariris. A descoberta e o início da ocupação da região se deram com a abertura de estradas entre o Litoral e o Sertão, quando foram construídas as primeiras casas e instaladas fazendas às margens da Lagoa do Paó.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Da gripe espanhola à Covid-19: fatos que viram história nos jornais

Em 1918, a capital paraibana contava com 50 mil habitantes e tinha o nome de Parahyba. Os jornais da época acompanhavam o desenrolar da Primeira Guerra Mundial, mas também começavam a dar espaço a um inimigo mortal: a "Gripe Espanhola", que matou 50 milhões de pessoas no mundo. Mas, o que ela guarda de semelhança com o que vivemos hoje com a Covid-19?

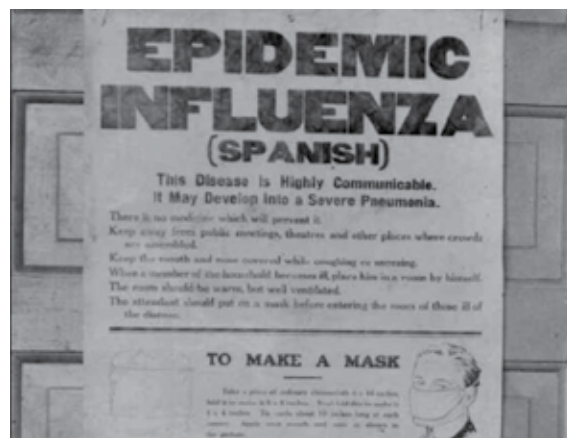
Quando a Covid-19 chegou ao Brasil por avião, a gripe espanhola (transmitida pelo vírus A H1N1, atualmente se sabe) aportou no país a bordo do navio Demerara. A embarcação atracou em Recife, Salvador e Rio de Janeiro com alguns tripulantes gripados. A moléstia se estendeu a outros portos, e o primeiro caso na Paraíba foi divulgado em 26 de outubro de 1918 no jornal A Imprensa.

Para quem critica as restrições impostas pela Covid-19, é necessário lembrar que interrupção de aulas e fechamento de estabelecimentos comerciais ocorreram na Paraíba em

tempos passados por causa da "bailarina", como a gripe espanhola também era chamada.

Uma pesquisa em jornais da época (O Norte, A União e A Imprensa) mostra que o isolamento social de hoje também estava entre as medidas adotadas por aqui há mais de um século. Não havia a hashtag #fiqueemcasa, mas as orientações para se evitar eventos e ambientes com aglomeração eram anunciadas por autoridades, associações de classe e até times de futebol.

A gripe espanhola afetou a rotina da população da capital com mudanças nos ritos religiosos, nas competições esportivas e nas atividades comerciais. Em outubro de 1918, os times paraibanos Palmeiras Sport Club e o Pytiguaires Sport Club anunciaram suspensão de jogos devido à epidemia. Donos de cafés e botecoquins foram intimados pelas autoridades a fechar os estabelecimentos. Na mesma época, a Padaria Suíssa informou à freguesia que não tinha como produzir pão, pois



as associações de classe comunicaram aos seus sócios que não se reunissem enquanto a situação não fosse normalizada.

O governo do Estado decretou a suspensão temporária das aulas públicas, o fechamento do cinema e o fim de passeios a qualquer lugar onde o ar não circulasse livremente ou que reunisse uma grande quantidade de pessoas. Festas e romarias também não deveriam ocorrer. A Festa da Penha, que era realizada no fim do ano, por exemplo, foi transferida para janeiro de 1919. Igrejas precisavam ser rigorosamente limpas e desinfetadas, e os atos religiosos não poderiam se prolongar. Posteriormente, os exercícios religiosos nos templos católicos e protestantes foram suspensos.

Para evitar a gripe espanhola, médicos orientavam a população com medidas profiláticas similares às de hoje contra a Covid-19. Em uma de suas edições, o jornal A União publicou uma entrevista do médi-

co pernambucano João da Costa com as práticas que os cidadãos deveriam seguir. Entre elas, estavam: lavar a boca e as narinas, uma ou mais vezes por dia; fugir de lugares públicos com aglomeração de pessoas e de casas sujeitas à pouca ventilação; e evitar inalação de poeira, contato com objetos pertencentes aos doentes e visitas aos "influenzados".

Fatal em todo o mundo, a foice da gripe espanhola também amealhava óbitos por aqui. De outubro a dezembro de 1918, a doença matou 209 pessoas na capital paraibana. Em novembro daquele ano, conforme noticiado pelo O Norte, foram sepultados no cemitério da Boa Sentença "225 cadáveres, sendo 145 de influenza espanhola e 80 de diversas moléstias". O rastros da morte ainda se estendeu a 1919 quando foram registrados 39 óbitos. Ao todo, houve 248 mortes na cidade.

Quando a influência fazia mais e mais vítimas na capital, alguns setores prosperavam, como o dos farmacêuticos. Em vários jornais, remédios eram divulgados como a melhor alternativa para lidar com a gripe espanhola e faziam sucesso entre uma população amedrontada. "Emulsão Scott" e "Broncocalyptus" eram alguns deles. Esse último, inclusive, era anunciado nos jornais como infalível: "O único medicamento que curou no Estado mais de mil doentes da Gripe Espanhola". É como diz o ditado: enquanto uns choram, outros vendem lençóis". E a história será contada nos jornais.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Roque Ricciardi, o Paraguassu

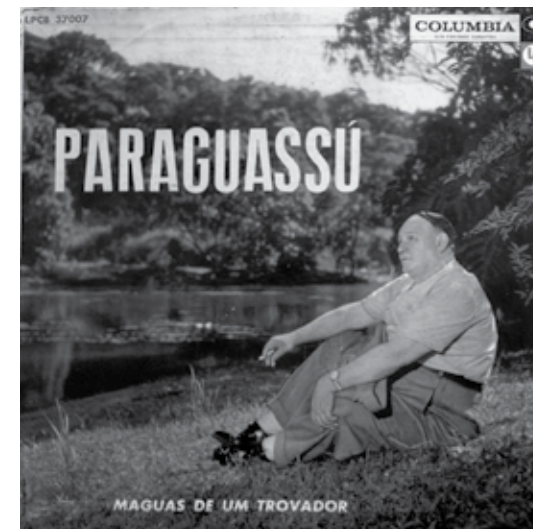
Ele nasceu e foi batizado como Roque Ricciardi, porque seus pais eram imigrantes italianos, chegados ao Brasil nos meados do Século XIX. Ainda conhecido como "o italianinho do Brás", ele foi o primeiro paulista a gravar um disco em cera, "Madalena" (1912), uma homenagem frustrada de amor por uma adolescente, nunca correspondido. Depois, para se identificar melhor com o público, adotou o nome brasileiro - e mais do que isso, indígena - "Paraguassu", com ele assinando peças, novelas, livros, métodos musicais para violão, composições e modinhas que marcaram época no Brasil, além de lhe proporcionar fama e dinheiro. Em tupi Paraguassu significa Cocar Grande. Os silvícolas também chamavam assim o Rio da Prata.

Paraguassu foi feliz em tudo que de musicalmente produziu na vida, menos na canção "A Pequena Cruz do Teu Rosário", uma modinha inspirada no poema "Loucura", do paraguaio Fernando da Costa Wendy e musicada pelo cearense Roberto Xavier de Castro. Auscudado de apropriação indevida - o primeiro caso registrado no Brasil, na área musical -, Paraguassu foi forçado a pagar uma indenização razoável, que quase o desequilibra financeiramente. Para se refazer do prejuízo, ao longo de sua trajetória artística de 64 anos (1912-1976), gravou composições de grandes nomes da MPB, como Catulo da Paixão Cearense, Cassimiro de Abreu e outros de igual fama. Na realidade o sonho do menino Roque co-

meçou em 1901, aos sete anos, quando seu pai, Giuseppe Ricciardi, levou para casa um gramofone e o ligou, alguns minutos, para a criança ouvir. Ele ficou fascinado e curioso: fascinado, porque desejava ser cantor, para dar vazão à sua voz, do jeito daquela que ouvia no estranho aparelho; e curioso, porque depois que o pai foi dormir, ele abriu a geringonça e verificou que não tinha nenhum cantor escondido dentro da máquina, como havia pensado. O garoto era traquina e tinha uma idéia fixa: ser cantor de qualquer jeito. Respeitado em sua carreira, que terminou em 1976, aos 82 anos, Paraguassu fez de tudo em sua trajetória artística.

Sem orgulho, cantou em rádios, teatros, circos e confraternias. Também foi um incontestável pioneiro: em 1924 inaugurou a primeira Rádio de São Paulo, a Educadora, numa época em que o Brasil não dispunha ainda do recurso do microfone e os artistas cantavam improvisando um bocal de telefone. Também foi o primeiro a usar o sistema elétrico de gravação de discos em 78 rpm, gravando Choça do Monte, de Catulo da Paixão Cearense e um poema musicado por ele, Berço e Tímulo, de Cassimiro de Abreu. Na área da sétima arte, provocou um rebu sobre a platéia do Cine Santa Helena, ao exibir seu primeiro filme falado.

O cinema ainda lhe inspirou para criar o clássico Coisas Nossas, além de Campeão de Futebol, em parceria com o craque Friedenreich. Era um inquieto faz-de-tudo, sempre apelando



para o perfeccionismo. Mágua foi uma canção que vendeu os tubos, mas trouxe consequências funéreas para alguns: comprovadamente cinco pessoas se suicidaram, sendo uma em Curitiba, outra em Campinas, a terceira em Rio Bonito e, as duas últimas, em locais não divulgados. Um casal suicida teve até fotos dos cadáveres divulgadas no jornal A Gazeta. Não se sabe como o público reagiu a esses atos de fãz tresloucados. Na foto do casal suicida, o rapaz trazia o revólver caído sobre o peito.

Em 1912, quando gravou sua primeira canção, o mundo musical adorava as modinhas. Madalena, uma ninfa de 14 anos, que morava na Rua do Gasômetro, era a homenageada. Ela não gostou da música nem do autor, segundo revelou o próprio Paraguassu, numa entrevista ao vivo concedida em 1974 - dois anos antes de morrer -, ao programa MPB-Especial, da TV Cultura de São Paulo. A menina não cedeu nem com uma serenata ao vivo, que o pretendente lhe ofertou

apaixonado e humildemente, ao pé da janela.

O rapaz, então com 18 anos, curtiu a amargura de ser rejeitado pela pretensa mulher amada. A gravação elétrica chegou ao seu conhecimento em 1928, pela Gravadora Odeon, via Casa Edson (RJ). Os donos de vozeteiros, como ele, Vicente celestino e Chico Alves, eram instruídos pelo técnico da empresa, Mr. Header, que pedia a eles para cantar mais baixo. Motivo: a reverberação excessiva estragava o material do disco. Dois cães policiais888s que um sapateiro Domingos Rabino, amigo de Paraguassu, deu ac homeopata Martinho Nobre, levou o cantor a um encontro feliz.

Rabino tocava violão e cantava as músicas de Catulo da Paixão Cearense. Nobre, que era amigo de Catulo e muito chegado a Rabino, sugeriu a Paraguassu dar uma passadinha na casa dele, onde Catulo se hospedava, quando vinha a São Paulo. Foi dito e feito. Ao serem apresentados nasceu uma parceria que duraria até a morte de Paraguassu, em 1976. Os tempos das serenatas foram lembrados por Paraguassu com muita saudade: Algumas casas abriam as portas em plena madrugada. Tinha um italiano que mandava todos entrar, matava frango, fazia macarronada e pessoal enchia a pança. Comiam até alvorecer. Depois, os músicos iam para casa dormira. A noitinha, o périplo musical começava.

Na entrevista de 1974 Paraguassu deu a receita porque não ficou rico: "Ajudei muitas pessoas. Fossem amigos, falsos ou não, eu ajudei e me sinto recompensado por isto que pratiquei. Meu dinheiro não me pertencia: eu tinha a minha parte, para minhas necessidades, mas ajudava muita gente. Não guardei nada, mas sou feliz, porque tenho saúde e, com a graça de Deus, nada me falta. Sabe por que? O dinheiro não traz felicidade, não". Morreu em 5 de janeiro de 1976 (SP), deixando um vago de saudade na sua legião de fãs.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le ScoolediCucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walthoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: @Mana5280/Unsplash



QUENTINHAS

- Com este período difícil, tenho evitado as grandes aglomerações em supermercados. E tenho dado atenção especial aos mercadinhos próximos de casa. Atualmente quando preciso fazer compras, no Chegou a Feira, que fica no Bairro dos Estados. Local agradável sem aglomeração e eu encontro tudo que possa servir de necessidade na minha casa. Eles também atendem por entrega na sua casa. Mais informações no instagram @chegouafeira ou pelo número (83) 98840-4132.

- Tive o prazer de comer uma comida caseira com churrasco muito deliciosa, e com quentinhas a partir de R\$ 9,99 no Gibão Churrascaria, que fica em Manaíra. Você pode fazer seu pedido pelo (83) 99924-9434. Além de você não sair de casa, tem aquele sabor caseiro na sua casa. Seu Instagram @gibaojp

- Você que está sem sair de casa e quer ter aqueles frutos do mar de qualidade na sua porta é muito fácil. É só agendar que ele vai até você. Camarão de todos os tamanhos, peixe de sua preferência, carne de caranguejo... é só ligar para o Marcelo no telefone (83) 98723-4763 ou mandar um WhatsApp.

- Uma das lanchonetes que têm uma variedade de pizzas, cachorros-quente e sanduíches em geral, que fica no Bairro dos Funcionários II, é o Deda Lanches. Eles estão atendendo delivery para toda João Pessoa pelo número (83) 98719-2205. Este colunista provou uma das opções e aprovou. O instagram deles é @dedalanchesoficial

Súplica e apelação!

Não tem sido fácil, ao longo de quase quatro semanas, para mim como colunista deste tema, tentar trazer alguma crônica que mostre uma melhora no mercado gastronômico durante essa pandemia.

Todos os dias como chef consultor em gastronomia recebo mensagens de pedidos de ajuda, como relatos de pessoas compartilhando o quanto está difícil um processo de saúde mundial, o qual ninguém esperava.

Pessoas cujas suas empresas estavam habituadas ao serviço local e neste momento teve que virar e-comerce ou mesmo delivery, não estão conseguindo pagar suas contas. Eu tenho uma visão do apagar da situação de cada, e que podia até ajudar de certa forma, mas muitos foram pegos de surpresa. Já começaram com serviços diários, tiveram que mudar para cinco vezes na semana e muitos só conseguem

o final de semana, pois o restante dos dias não existe pedidos de venda.

E quero entrar um pouco até em área e seguimento distinto, o qual normalmente trago todos os domingos.

Tenho observado uma desvalorização ao comércio local, digo aquele pequeno mesmo, que fica no seu bairro que foi uma das minhas primeiras crônicas, para não abandonarem essas empresas, pois os grandes já tinham seus meios de sobrevivência garantidos.

Ao mesmo tempo tenho visto autônomos, como pedreiros, pintores... preocupados em como levar alimentos para suas casas. Não duvido que pessoas vão quebrar qualquer período de quarentena para tentar levar o pão nosso de cada dia para casa, para que sua família não passe necessidade.

A situação não é boa para ninguém no Brasil, todos estão tentando se adequar para sobreviver a este caos. Empresas já renegociam seus financiamentos e

buscam reduzir seus custos para se manterem vivas.

A única certeza que eu tenho é que a onda de desemprego que já existia vai continuar a crescer. E neste momento os únicos beneficiados que vejo são os Bancos, recebendo ajuda do Governo Federal para tentar mostrar algo de redução de juros para novas linhas de financiamentos. E as empresas colocando seus funcionários para casa com direito a quebra de contrato com o aval do Governo Federal e em seguida vamos ter milhares de desempregados.

Garantir que mesmo em crise você continue recebendo seu salário isso é quase impossível, e agora com uma ajudinha de R\$ 600 ainda para piorar.

Voltamos a pedir um socorro a São Expedito, o Santo das causas impossíveis, porque neste território de desgoverno não temos a quem nos ajudar, e a coisa só tende a piorar a cada dia.

Oh! Deus, perdoe esse pobre coitado. Que de joelhos rezou um bocado!

PRATO DO DIA

Filé de frango a delícia

Ingredientes

- 500g de filé de peito de frango
- 150g de muçarela
- 150g de peito de peru
- 1 vidro de requeijão
- Sal
- Pimenta do reino
- Alho em pó
- 1kg de farinha panko (de culinária oriental)
- 6 ovos
- 500g de farinha de trigo
- Óleo para fritar
- 5 tomates grandes maduras
- 1 rolo de papel toalha
- 2 berinjelas
- 1 cebola grande
- 1 abobrinha

Modo de preparo

Abra os filés de frango ao meio, pela lateral sem separar. Tempere com sal, pimenta do reino e alho em pó. Em seguida, colocar uma fatia de presunto, duas de queijo e dobre novamente fechando o filé. Passe na farinha de trigo, no ovo, na farinha panko, no ovo mais uma vez e na farinha panko mais uma vez. Reserve. Aqueça uma panela com óleo e frite em fogo médio até. Em seguida corte o restante dos ingredientes tempere ao seu gosto. Em uma frigideira grande com azeite leve todos eles para dar uma leve fritura, e monte igual a fotografia.

Foto: Arquivo pessoal



PITADAS A GOSTO

Assado, frito ou servido com macarrão, o frango deverá se tornar a carne favorita no mercado mundial. Atualmente, os consumidores comem um pouco mais de carne suína, 114 milhões de toneladas por ano, do que de frango, 106 milhões de toneladas.

Porém, o consumo de carne de frango está crescendo rapidamente, em 2,5% ao ano, comparado com 1,5% da carne suína – e deverá ultrapassar o consumo de carne suína antes de 2020. Muito mais frangos estão sendo comercializados entre as fronteiras: cerca de 13,3 milhões de toneladas por ano, comparado com 8,6 milhões de toneladas de carne bovina e 7,2 milhões de toneladas de carne suína, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

O gosto pelo frango aumentará a produção para 128 milhões de toneladas por ano até o final de 2020. Sigam o Instagram @sigabomtodo para mais informações.

Convicção das coisas que não se vê: a fé

Presente em todas as religiões, ela significa um sentimento total de crença em algo ou alguém, mesmo sem evidências

Iluska Cavalcante

cavalcanteiluska@gmail.com

“A fé mostra a realidade daquilo que esperamos, ela nos dá a convicção de coisas que não vemos”, essa é a definição bíblica de fé, descrita no livro de Hebreus (capítulo 11). A fé está presente em todas as religiões, já que significa um sentimento total de crença em algo ou alguém, mesmo sem evidências.

Segundo Giancarlo Vasconcelos, teólogo e pastor da Igreja Betel Brasileiro, a fé está longe de ser um salto no escuro para os cristãos, ou mesmo uma mera probabilidade, mas sim uma certeza. O teólogo explicou que a genuína fé, de acordo com a teologia bíblica cristã, consiste em uma confiança inabalável em Deus. “É confiar naquilo que o próprio Deus se comprometeu na sua palavra (Bíblia), a qual tem transcendido séculos e sido comprovada como sendo, de fato, a verdade”, comentou.

O teólogo explicou que, na cosmologia cristã, a genuína fé não é algo que o próprio ser hu-

mano seja capaz de produzir, mas um sentimento formado pelo próprio Deus e o que ele considera como verdade. “A genuína fé ou fé salvífica não é um elemento produzido pelos esforços do próprio homem, mas é uma dádiva graciosa e sobrenatural de Deus, advinda do mesmo”, ressaltou.

Assim como em outras religiões, o misticismo da crença é algo invisível e sem comprovações científicas,

entanto, para os religiosos, a fé é a única

fonte necessária para crer no que não se é palpável. Na Bíblia, é possível ver exemplos de pessoas que tiveram fé, como o personagem bíblico Abraão, presente na religião cristã, judaica e islâmica,

como o “pai da fé”. Na história bíblica ele obedeceu a Deus ao deixar a sua casa e familiares e ir a uma terra distante e desconhecida, sob uma promessa de ter uma extensa descendência. No entanto, com uma esposa estéril.

“A genuína fé não é um elemento produzido pelos esforços do próprio homem, mas é uma dádiva graciosa e sobrenatural de Deus, advinda do mesmo”

Giancarlo Vasconcelos

A genealogia de Abraão deu início a fé judaica e a fé islâmica, através de seus dois filhos, Isaque e Ismael.

A fé é algo tão importante na crença cristã que biblicamente está escrito que é impossível agradar a Deus sem ela. A fé é considerada a base da religião, já que crer no Deus da Bíblia e em suas escrituras consideradas sagradas é algo que precisa dispensar as comprovações científicas e aderir às comprovações de fé.

Filosofia e a tensão entre o mito e a razão

De acordo com Rafael Nóbrega, historiador, mestre em História e professor de Filosofia, dentro da filosofia, a fé ou crença não servem como base para explicar algo, mas, sim, a demonstração racional de suas afirmações. No entanto, por muito tempo o pensamento religioso era o que ditava o que seria verdade ou não. “Essa tensão entre mito e razão, fé e filosofia, marcou a história do pensamento ociden-

tal, durante muito tempo dominada pela autoridade do pensamento religioso, que legitimava através dos dogmas do cristianismo, aquilo que deveria ser encarado como verdadeiro ou, ao contrário, o que não deveria”, ressaltou.

Um dos exemplos utilizados por Rafael Nóbrega para explicar essa desvinculação de fé e razão dentro do pensamento filosófico foi o caso de Galileu Galilei. “Ele precisou resignar-se de suas teses sobre o movimento solar baseados na explicação e aprofundamento do heliocentrismo de Copérnico, sob a ameaça de morte por parte da Inquisição. De um lado, a religião acusa a filosofia e a ciência de heresia, por outro, ambas acusam a religião de dogmática e intolerante”.

Contudo, o professor explicou que é possível encontrar uma conciliação

entre fé e razão. “A crença, é entendida como um estado mental capacitado de intencionalidade, pois está direcionado a algo que é assumido como verdadeiro. Não é admissível um conhecimento desprovido de crença, pois isso redundaria em um absurdo do ponto de vista lógico. É preciso, de alguma forma, crer naquilo que se propõe a conhecer. Contudo, crença e conhecimento não são sinônimos”.

O historiador esclareceu ainda que o fato de um sujeito crer em algo não significa que esse algo seja verdadeiro. “Um indivíduo que crê na capacidade humana de voar sem o auxílio de quaisquer mecanismos além das condições naturais do seu próprio organismo, não significa que isso seja verdadeiro, ou seja, que o ser humano pode voar com base nesses termos. Isso é um exemplo

de uma falsa crença. No campo da filosofia, é preciso que essa crença seja justificada”.

A filosofia se opõe à fé no que diz respeito a acreditar naquilo que não se pode comprovar a existência. No entanto, Rafael ressaltou que é um erro afirmar que pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento só acreditam naquilo que descobrem. “Ao contrário, o conhecimento filosófico, de um modo geral, convida a estar aberto a novas hipóteses a partir de um rigoroso exame das evidências, das ideias e do conhecimento estabelecido, pois possui um mecanismo de correção de erros em seu cerne, assim como a democracia, da qual a filosofia é tributária. Por isso, longe de se oporem, fé e filosofia podem coexistir pacificamente em uma sociedade democrática, plural e pacífica”.

A crença pode curar?

Fenômenos de cura pela fé levam a ciência a questionamentos e a estudos

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Até que ponto a ciência consegue reconhecer e explicar o quanto a fé influencia na cura e na recuperação de pessoas? Mesmo sem aceitar a existência de um espírito ou de um Deus, a medicina comprova que pessoas que têm

algum tipo de religião conseguem ter resultados mais positivos e sobreviver a doenças, muitas vezes, terminais. A crença em algo maior e poderoso que pode curar, além da medicina e inteligência humana, tem levado pessoas a se salvarem e a medicina a questionar e estudar motivos para esse fenômeno.

A médica Valdelene Nunes, pesquisadora do assunto e escritora de diversos livros como 'Saúde e Oração: a Busca da Cura e do Autoconhecimento Pela Fé', esclareceu que, a neurociência ainda não explica muita coisa, como a existência de Deus, por exemplo, no entanto, registra os efeitos que as convicções religiosas têm sobre o cérebro humano. "Segundo eles, nosso cérebro não se ocupa muito em distinguir se as coisas são reais ou não. O cérebro não se ocupa em saber se determinadas coisas são úteis ou não para a nossa sobrevivência. No caso, a crença de que Deus existe tem sido útil à espécie humana", comentou.

A relação entre a ciência e a fé ainda é delicada, ao mesmo tempo em que não se pode explicar de forma concreta a existência de uma influência de cura exercida pela fé, é praticamente impossível negar que essa forte convicção religiosa do paciente o faz responder de maneira eficiente à doença, em comparação a quem não tem uma religião, por exemplo.

A médica, mestre em Ciências das Religiões, começou a sua pes-

quisa em um Posto de Saúde da Família (PSF) em que trabalhava, no município de Pedras de Fogo, no interior paraibano. Tanto em suas observações quanto em pesquisas estudadas por ela, a especialista percebeu que a parte subjetiva do paciente influencia sobre as doenças, tanto sobre o aparecimento, quanto sobre o controle e a cura. "Lá [no posto de saúde] tinham pessoas com problemas de saúde, como diabetes, hipertensão, depressão, elas vinham sempre se referindo a algo que acontecia na vida delas. As que tinham melhor resposta do tratamento e algumas que até deixavam de tomar medicamento eram aquelas que frequentavam alguma religião, iam à igreja, oravam, entre outras práticas", disse.

Foi essa pesquisa que serviu de base para escrever o seu primeiro livro, 'Saúde e Oração'. Ela explica que a fé esteve presente desde o início da humanidade, quando ainda não havia ciência ou medicina, os povos antigos eram guiados pela sua intuição. "No início da humanidade, a gente não tinha os recursos que a gen-

te tem hoje. As civilizações não tinham a medicina, então acreditavam na fé. O ser humano acreditava que tinha alguém maior que ele. Estudando a cultura indígena desse povo mais antigo, percebemos que esse era o recurso que eles recorriam. Eles tinham água e plantas e muitas vezes a gente pode se perguntar de onde vem esse conhecimento de usar as plantas. Foram inspirados por quem?", questionou.

Ocorreu uma separação entre a medicina e a fé, na medida em que o ser humano teve novas descobertas. "Passou a achar que era Deus. Temos hoje vários recursos para engravidar, melhorar a aparência, mas não somos eternos", comentou. A especialista comentou que nem todos que recorrem à fé sempre foram pessoas religiosas. A possibilidade de morrer aflora a necessidade de acreditar em algo superior, em muitas pessoas. "E quando muitos se deparam com uma doença grave, mesmo aqueles que dizem que não têm fé, começam a pensar nisso: 'para onde eu vou?', 'qual é o sentido da minha vida?'".

Foto: Ortilo Antonio



///Nosso cérebro não se ocupa muito em distinguir se as coisas são reais ou não. (...) A crença de que Deus existe tem sido útil à espécie humana ///

Valdelene Nunes

Religiosidade que influencia na alma... E também no corpo

A religiosidade é como o ser humano expressa a sua fé, explicou Valdelene Nunes. Independente se é através de uma religião protestante, espírita, católica ou de matriz africana.

Mas para essa prática ter algum efeito sobre a saúde, a médica resalta que é preciso levar a sério e não ser algo esporádico. "Quando a gente ora, reza o terço, tem uma prática religiosa,

mas que você se entrega, porque não adianta estar rezando e não ter o mínimo de concentração no que você está fazendo, isso influencia na nossa saúde como um todo".

De acordo com estudos, a prática religiosa regular, seja uma oração ou meditação diária ou, pelo menos, semanal, influencia no sistema nervoso, endócrino e imunológico.

"A gente estimula o sistema nervoso parassimpático, que vai fazer o coração bater mais lento, a respiração mais lenta, que é o que a gente precisa também. A gente precisa, porque isso faz com que você desacelere, isso mexe com tudo, é toda uma cadeia, está tudo interligado no nosso corpo, nós somos um ser só, um ser totalitário".

Apesar do avanço da medicina, a especialista comenta que nem tudo está ao alcance da ciência. Ela explicou que o ser humano é "corpo, mente e espírito". Esse conceito não é algo comprovado ou até mesmo aceito pela medicina, no entanto, há uma área de estudo do assunto na ciência chamada de teossomática. "Têm países que estão gastando bastante verba com esses estudos. Os Estados Unidos é onde mais têm esses estudos. A maioria das faculdades de medicina de lá tem uma disciplina chamada de espiritualidade e saúde".

Os estudos são feitos através de comparação de casos. "Eles comparam uma cirurgia cardíaca de grande porte de um paciente que tem fé e aquele que não tem. O que tem se recupera mais rápido, passa menos dias na UTI e tem um prognóstico melhor. Pegam também pacientes com Aids, e fazem um estudo. Os que têm fé sobrevivem mais tempo, ficam com menos sintomas, se internam menos".



Foto: Pixabay

De acordo com diversos estudos, a prática religiosa regular, seja uma oração ou meditação diária ou, pelo menos, semanal, influencia no sistema nervoso, endócrino e imunológico

Histórias de milagres e gente virando santo

Cura de enfermos e até a ressurreição de mortos são relatadas por segmentos religiosos

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Na Bíblia teológica cristã é possível perceber diversos milagres realizados por Jesus e por seus discípulos, como a cura de enfermos e até ressurreição de mortos. Na atualidade, muitos homens e mulheres religiosos são canonizados na Igreja Católica por ter algum milagre comprovado. Apesar de não ser algo comprovado cientificamente, muitos médicos testificam os milagres e até ajudam no processo de canonização dos santos.

No caso da empresária paraibana Michele Barreto, de 43 anos, ela vivenciou de perto o poder da oração. Após amamentar seu filho, João Pedro, à época com pouco mais de um ano, o menino acordou chorando e após muitas tentativas de fazê-lo voltar a dormir, Michele percebeu que ele estava roxo. "Ele estava tendo uma convulsão, eu fiquei desesperada porque nunca tinha visto. Eu e o meu marido saímos, deixamos toda a casa aberta, pegamos o carro e fomos para o hospital", contou.

Durante o caminho, a criança, que hoje está com 14 anos, parou de se debater e ficou desacordada. A empresária e o marido pensaram que o filho havia parado de respirar, então ela começou a rezar:



“Eu pedi ‘Maria, por favor, me ajude. Você sabe da dor que eu estou sentindo agora, porque essa mesma dor você sentiu quando o seu filho estava numa cruz morrendo’. (...) Nessa mesma hora que eu falei isso o meu filho acordou chorando muito”

Michele Barreto



Foto: Marcos Russo

“Eu balançava muito ele no carro e ele não acordava de jeito nenhum. Eu comecei a chorar muito e gritei no carro por Maria, mãe de Jesus. Eu pedi ‘Maria, por favor, me ajude. Você sabe da dor que eu estou sentindo agora, porque essa mesma dor você sentiu quando o seu filho estava numa cruz morrendo. Me ajuda, intercede pelo meu filho, reza a Jesus por mim, porque eu estou sem força’. Nessa mesma hora que eu falei isso o meu filho acordou chorando muito”.

Ao chegar ao hospital, Michele conta que a médica que atendeu João Pedro não acreditou que ele havia tido uma convulsão, já que o menino não apresentava nenhum indício no

corpo. “A médica não quis acreditar que ele tinha tido convulsão, porque ele chegou muito bem. Uma criança chega ainda desacordada ou muito molinha, sem muita reação e ele chegou chorando, esperto. A médica só acreditou quando eu detalhei como tinha sido”.

Ela explicou que a sua fé por Maria sempre foi muito forte e que ela sempre teve essa forma de rezar, conversando com Deus. “É a forma como eu me comunico, uma forma simples de falar; naquele momento, eu pensei em Maria, porque eu estava sentindo a mesma dor que ela de perder um filho. Eu pensei que ela podia rezar no meu lugar, pedi para que ela rezasse por mim”.

Rezas, orações e preces: apelos ao invisível e às forças superiores

Se uma pessoa com fé consegue se curar através desse sentimento interno, então como explicar o caso de pessoas que tiveram sua cura atribuída à fé de terceiros? O ato de orar, rezar, fazer uma prece ou interceder por um enfermo é comum principalmente em religiões

cristãs, como protestantes, católicas e espíritas. Há diversos relatos de pessoas que tiveram um ente querido curado através de orações.

A médica Valdelene Nunes explicou que há estudos científicos em relação à intercessão. Apesar das respostas serem

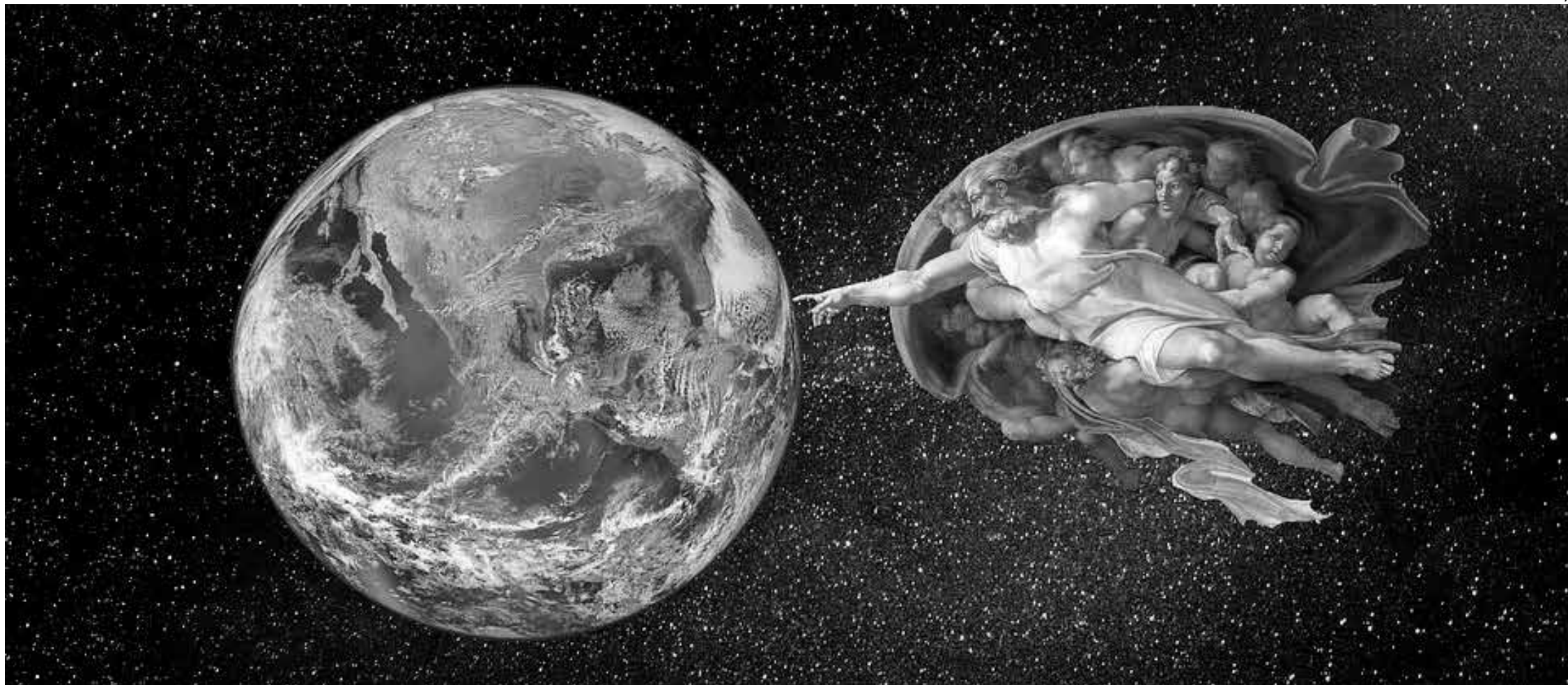
poucas e incertas, há comprovações de que a recuperação de pacientes que em uma pessoa intercedendo por eles é mais rápida. “Eles não encontram uma explicação, a ciência tem uma incógnita em relação a isso. Quando você está rezando é você mesmo quem está se

curando, mas e a pessoa que reza pelo outro? A intercessão às vezes nem é presencial. Existem estudos de intercessão presencial e outros que intercedem à distância, e eles encontraram pessoas que se recuperam de doenças, inclusive do coma”.

Apesar das dúvidas em vol-

ta do assunto, há uma teoria envolvendo a física quântica. “É a parte científica que mais se aproxima. Ela tem uma ideia que somos um, estamos interligados nas nossas mentes. É a energia vital, que a minha energia se comunica com a sua. Mas comprovação ainda não se chegou”.

Foto: Pixabay



Fé que move e destrói montanhas



História da humanidade é marcada por guerras e lutas muitas vezes “justificadas” em nome de crenças

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

A fé pode mover montanhas. Mas também pode destruí-las. Ao longo da história, a fé foi usada muitas vezes como pretexto para guerras e lutas. Cruzadas, inquisição, jihads, terrorismo, antissemitismo, perseguições... Sempre em nome de um Deus. Mas isso não vai exatamente ao oposto do que se prega nas religiões? E qual motivo disso? Desde quando se usa o nome de Deus (seja qual for sua designação) para guerrear? De acordo com Guilherme Queiroz de Sousa, professor com doutorado em História Medieval da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), isso é muito antigo.

“A gente tem há milhares de anos [a fé como pretexto para guerra]. Pensando desde o Israel bíblico, onde a gente pode encontrar no antigo testamento várias afirmações de que Deus seria o senhor dos exércitos, uma guerra santa. Isso foi pretexto de fato muito mais do que o componente econômico para justificar uma agressão no caso de Israel aos filisteus, por exemplo, e aí isso já tem três mil anos mais ou menos”, explicou.

Mas se tem um período em que isso ficou ainda mais evidente foi durante a Idade Média (476-1453). Por ser um período de intensa atividade religiosa e da igreja cristã no centro das decisões, vários episódios aconteceram. O mais famoso e duradouro foram as Cruzadas.

“As mais famosas com certeza foram as Cruzadas, que na verdade foram derrotadas, duraram mais ou menos 300 anos. Também tem uma parte importante que é o ideal de Cruzada. Eu estudei isso no meu mestrado. Para você classificar alguma guerra santa de Cruzada, tem algumas coisas que precisam estar presentes, por exemplo, um papa legitimando esta guerra. Nas Cruzadas, isso houve várias vezes”, disse.

Mas o que foram as Cruzadas? Em linhas gerais, elas foram expedições realizadas pela Igreja Católica

com o intuito de recuperar Jerusalém (a que eles chamavam de Terra Santa e estava sob o domínio islâmico).

Outros períodos marcantes da história também tiveram a fé e a religião como pano de fundo, como explica o professor Guilherme. “Em outros períodos, quando se deu a chamada conquista da América pelos espanhóis, por exemplo, há um componente de guerra santa envolvido. Muitas vezes você via isso, os espanhóis lutando em nome de Cristo. Isso está na documentação daquela época, de mais de 500 anos; isso está bastante presente. Um exemplo que é interessante, Cristóvão Colombo, primeiro europeu a chegar às Américas, depois dos vikings na Idade Média, ele afirmava em algumas cartas que ele escreveu que essa expedição que ele estava conduzindo era no final das contas para render alguma coisa econômica para financiar uma Cruzada. Existe ainda um componente religioso mesmo para tomar Jerusalém, isso está no pensamento do Colombo ainda, às vezes as pessoas esquecem”, relembra.

Por conta de episódios como as Cruzadas e a Inquisição (que surgiu naquela época, mas perdurou por anos), as pessoas classificam a Idade Média como Idade das Trevas. Porém, não é o que acha o professor.

“As pessoas costumam relacionar a Inquisição muito à Idade Média, embora ela tenha atuado de forma sistemática muito mais na Idade Moderna. Por exemplo, o próprio rótulo de Idade das Trevas, que ainda paira por aí, é completamente equivocado. Isso eu vejo dando aula de História Medieval na UFPB. É um mito que foi criado para colocar a Idade Média como Idade das Trevas. É uma criação renascentista e iluminista, mas de fato não podemos negar as coisas horríveis que aconteceram, como a própria Inquisição e as Cruzadas. A Inquisição é uma invenção medieval, ela nasce no século XIII, mas vai chegar inclusive até o Brasil; atuou aqui no Século XIX”, fala.

Outro episódio marcante na história mundial, que inclusive marca o fim da Idade Média e início da Idade Moderna, é a Tomada de Constantinopla, capital do Império Bizantino, que também tem uma ligação com a fé.

“É bastante forte ainda (a ligação da fé com o episódio). Os otomanos naquele momento ali pregam a guerra como uma espécie de Cruzada, no caso deles a Jihad, que também não pode ser traduzida exatamente como guerra santa, porque ela tem uma coisa de esforço, empenho, pode ser uma luta pessoal, interna, não necessariamente uma guerra contra o inimigo. Mas ainda assim, 1453 (data da tomada de Constantinopla) ainda está bastante presente. A própria resistência dos cristãos em 1571 na Batalha de Lepanto, em 1683, em Viena, ainda tem um componente religioso por trás”, detalha.

“Rótulo de Idade das Trevas, que ainda paira por aí, é completamente equivocado. (...) É um mito que foi criado para colocar a Idade Média como Idade das Trevas. É uma criação renascentista e iluminista”

Guilherme Queiroz de Sousa



Foto: Orfilo Antonio



Poder político se entrelaçando com o religioso

Apesar de ter registros milenares, a relação fé e guerra é um problema que persiste até hoje. É sabido que a sociedade, principalmente a ocidental, rompeu um pouco com o paradigma da religião no centro de tudo. O Brasil, por exemplo, é um estado laico (pelo menos na teoria). Mas ainda é possível ver exemplos do uso da fé (muitas vezes deturpado, é bem verdade) para justificar atrocidades cometidas. Nesse contexto, o fator político se entrelaça com o religioso.

“A questão do terrorismo bastante presente na Europa, atentados terroristas, de uma certa forma, retomam esses ideais. Tentam retomar às vezes um discurso de uma propaganda consciente, fazendo vínculo com o passado. Mas mesmo grupos de extrema direita tentam retomar esse discurso. Você tem grupos de extrema direita, inclusive no Brasil, pregando uma espécie de Cruzada contra a

esquerda, fazendo um paralelo com as próprias Cruzadas da Idade Média. O famoso ‘Deus Vult’ é um desses grupos de extrema direita, inclusive no Brasil, retomado”, explica.

Segundo o Wikipédia, o Deus vult (Deus o quer! – em latim) foi o grito do povo quando o papa Urbano II declarou a primeira cruzada no Concílio de Clermont, em 1095, quando a Igreja Ortodoxa pediu ajuda ao ocidente para interromper a expansão islâmica do Império Seljúcida, na Anatólia; frase que seria repetida por toda a Europa. O termo foi utilizado por seguidores da extrema-direita, inclusive na campanha de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016.

Seja em nome de Deus, Allah, Buda ou qualquer outra nomenclatura, a fé vem sendo usada ao longo dos tempos também como pretexto para guerras. Que essa fé volte a mover montanhas, e não destruí-las.

